

farol de espoende



QUINZENÁRIO
50\$00

DIRECTOR- INTERINO : JOÃO MIGUEIS



PORTE
PAGO

SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS
ANO 2 - Nº 37- 9- JULHO- 1992



O Sargaceiro

Ex-Libris

de

Apúlia

(Veja em
suplemento)

Sobre a Praça do Município

Eng. João Maria de Oliveira Martins

Estão em curso, na Vila de Espoende, obras de arruamentos e praças como não há memória. Bem precisavamos delas, pois era já passado muito tempo sobre vários arranjos, levados a cabo por diferentes Administrações Municipais.

Mas tamanho conjunto de obras, de um só leva, creio bem que nunca terá sido feito. Quem as promoveu, deixa certamente uma marca inapagável na história da Vila. A actual Câmara, presidida pelo Alberto Queiroga Figueiredo, merece que o reconheçamos, por muitas discrepâncias políticas que ela suscite e que fazem parte de um luta política

que, desde que realizada no respeito pela opinião de cada um e sem recursos a métodos difamatória ou impróprios de gente civilizada, é essencial ao progresso das populações.

Este vasto arranjo da Vila é uma ocasião propícia para repensar algumas decisões tomadas no passado, quer quanto à toponímia quer quanto à localização de alguns monumentos facilmente reposicionáveis.

Na via pública, a Vila de Espoende tem cinco monumentos que, de Norte para Sul perpetuam a memória de António Rodrigues Sampaio, do Rei D. Sebastião, de Antó-

nio Correia de Oliveira, de Henrique Medina e da automomia municipal no Pelourinho.

Cada um deles a sua história, sendo o mais antigo o Pelourinho e o mais moderno a estátua do Rei que nos deu autonomia. A sua localização nas respectivas praças, dependeu do momento em que se implantou o monumento, com excepção do Pelourinho que parece ter andado em bolandas, tendo passado pelo largo da Matriz, antes de ter existido o monumento a Sampaio.

Todavia, apesar das alternativas que possam considerar-se, todos concordarão que a Praça do Municí-

pio é um espaço público de características muito próprias e com um significado especial para a vida de todos os esposendenses.

Naquele espaço, a haver um monumento, deve ser reportado a acontecimentos directamente relacionados com a nossa autonomia municipal: ou o Rei D. Sebastião, ou o Pelourinho, ou outro que se viesse a fazer, como, por exemplo, perpetuando, D. Pedro da Cunha que foi decisivo nas diligências que precederam a decisão do Rei, dando-nos a independência de Barcelos, ou Gaspar de Barros da Costa nascido na vila e 1º Capitão-Mor do concelho,

pessoa muito influente no Norte do país e combatente de Alcácer Quibir, donde escapou, mas aonde lhe morreu o filho mais velho, Gregório, também Esposendense de gema. Isto só para exemplificar o sentido do que pretendo dizer.

Se tivesse de votar, porém, não hesitaria em o fazer a favor da estátua do Rei que nos deu a carta de alforria, por muitos defeitos que ele houvesse tido em vida. O seu local mais apropriado seria em frente ao edifício da Câmara.

O Pelourinho, como símbolo da autonomia, deveria estar em praça

Cont. na 6ª pág.

Inauguração da Biblioteca Municipal de Esposende

Foi inaugurada no passado dia 25 de Junho, a Biblioteca Municipal de Esposende.

A inauguração foi efectuada pelo Secretário de Estado da Cultura, Dr. Pedro Santana Lopes, acompanhado pelo Governador Civil de Braga, Dr. Fer-

Estado.

De seguida, procedeu-se ao desceramento de um Busto do escritor esposendense MANUEL BOAVENTURA, efectuado por uma filha do escritor. Nessa ocasião, o senhor Dr. Brochado Almeida proferiu algumas palavras de elo-



nando Alberto Ribeiro da Silva.

Após a Bênção às Novas Instalações realizada por Monsenhor Baptista de Sousa, pároco de Esposende, foi descerada uma Lápide Comemorativa da inauguração, pelo Senhor Secretário de

gio - merecido -, a esse grande Mestre das Letras, que foi MANUEL BOAVENTURA.

Visitaram-se então, as Instalações da nova Biblioteca Municipal, situada na «Casa do Arco», e que resulta do restauro de duas casas Quinhentistas e uma de Setecentos.

A nova Biblioteca está dotada de Instalações muito belas e funcionais, e muito bem equipada, contando para além do acervo bibliográfico de uma secção de Vídeo e Música, uma Sala de Conto Infantil, uma Biblioteca Infantil - com equipamento adequado às crianças; uma Sala de Exposições e um Auditório com noventa lugares.

É sem dúvida um elemento fundamental no progresso cultural do concelho.

Após a visita às Instalações, realizou-se no Auditório da Biblioteca, uma sessão que contou com a presença do Senhor Secretário de Estado, do Senhor Governador Civil e do Senhor Presidente da Câmara, para além das restantes entidades.

No uso da palavra, o senhor Presidente da Câmara referiu que a Biblioteca Municipal havia custado 190 mil contos, e que a autarquia estava a fazer um enorme esforço no sentido de dotar Esposende de estruturas capazes de desenvolver o concelho em termos culturais. Anunciou ainda o Presidente Alberto Figueiredo, que a Câmara havia adquirido o Teatro - Club para adaptá-lo a Museu Municipal, obra que custará mais de 150 mil contos, e que já se iniciou; adquiriu o Cinezende para o adaptar a Auditório Municipal, obra que rondará os 50 mil contos; e encontra-se em negociações para a transferência para o Município do Forte de S. João, na Barra, para o adaptar a Museu do Mar, com uma pequena unidade hoteleira, que produza receitas para custear as despesas do Museu.

De seguida usou também da palavra o Senhor Secretário de Estado, que realçou o bom trabalho realizado pelo recentemente extinto I.P.L.L., o esforço de descentralização que o Governo tem feito, para fazer chegar a cultura a todo o país, e não só a Lisboa, e elogiou a belíssima e muito bem equipada Biblioteca Municipal de Esposende.

Antes de terminar a visita a Esposende, que o Senhor Secretário de Estado fez questão de efectuar, foi ainda visitada a maravilhosa Igreja da Misericórdia de Esposende, e o antigo Teatro-Club onde vai surgir o futuro Museu Municipal.

Esposende tem razões de sobra para se congratular com a inauguração da sua Biblioteca.

O Farol de Esposende faz um apelo: Vamos utilizar e dar sentido àquilo que é de todos nós, e vamos ler mais!

Crónica da minha Rua.

V

Chegou o Verão. Chegou o bom tempo. Devia. Devia ter chegado. Fal-tou. Chegaram os turistas. Alguns. Bastantes. Para a Praia. Impossível. Bastante suja. Difícil de alcançar. Pelas ruas. Pelas dunas. Por cima dos carros. Dos blocos de cimento. Do lixo. Nas ruas. Na praia. No Bar. Que pobreza. Tão grande hoteleiro. Tão mau bar. Na Praia. Como único da Praia. Para correr os turistas. Os indígenas. Os pagantes. Desejáveis. E indesejáveis. Do verão.

Do tempo de festas, de romarias. De procissões. De Santos populares. De S. Pedro. De S. João. Da minha rua. Do norte. De todos os «Putos». Do Norte. Do Centro. Do Sul. Da Ribeira. Maior. Ainda maior. Grande festa. Cada vez maior. Talvez. Talvez que as festas da Vila. De Esposende. Das outras vilas. O bairrismo. Não deixar para os outros. O esforço. Do povo. Do Norte. De todo o lado. Grande festa. Muitos anos. Grande procissão. Grande devoção. Grande amor. Grandes bailaricos. Grandes bor-racheiras. Grandes festas. Na minha rua. Do povo da minha rua. No verão. Verão? Não. São cegos. Não. Não querem ver. A força do querer. Na minha rua. Nos cantos da minha rua. Agora são mais. Muitos mais. As ruas da minha rua. Não têm saída. Só cantos. Muitos. Em todo o lado. Na nova biblioteca. Inaugurada. Felizmente. A festa da cultura. Não popular. Mas cultura. Erudita. Cultura. Não pode descer. Os outros que subam. Se fosse possível já lá estavam. Há muito. A ler. Em vez das cartas. Em vez do jogo. Na cultura, fechada. Aberta. Nas portas. Não ao povo. As antiguidades. Não às festas Populares. Não ao aproveitar. Do tempo. Quente. De verão. Verão? Terão que pagar. Neste mun-do. Dizem os «Putos» da minha rua. Nas suas piadas. Nas suas conversas. Nas profecias. Nas pragas. As pragas. Que temos que aturar. De toda a espécie. De toda a maneira. São pragas. Como os «Putos». Que chegam. Que desanimam. Que chateiam. São chatos. Se fossem só eles. Era bom. Há mais chatos que «Putos». Há muitos chatos. E bicudos. E redondos. E vazios. E ocos. E compactos. E compactados. Nos passeios. Da marginal. Prontos para o verão. Prontos para nós. E os outros. No verão. Verão. Se virem. Se quiserem. Os Protes-tos. Dos Putos. Dos outros. Dos incultos. Dos sabichões. Dos salvadores. Da mi-nha rua. Dos sabichões. Dos também não. Dos Construtores. Dos. De todos.

Nas festas. Nos bares. Noz hoteis. Nos parques de campismo. Era bom. Só turistas ricos. Zero. Só reformados de au-tocarro. Não. Ao pé descalço. Aos sujos. Aos descamisados. Só turismo de primeira. Com estes apoios. Ah! Ah! Ah! A gargalhada dos «Putos». Da minha rua. Vamos viver em Nice. Numa nice. Uma beleza. Com «rolls» na marginal. Ferraris nas cangostas. Novas. Onde não passa um carro. Turismo de gente bem. Com sangue azul. Azul como o mar. Como a bandeira da praia. Outra gargalhada. Como a água do rio. Alguns Dias. Como o Céu. Como o seu. Como. Tanto. E engordo. Como os que têm muito que comer. Na minha rua. Come-se pouco. Mas bebe-se muito. Sempre. Não há mais nada para fazer. Vai haver. Dentro

em pouco. E vai mudar. Vai haver mudanças. Vão mudar os Bustos para outro lado. Não há mais nada para mudar. Ainda bem. Fica quedo. Fica mudo. Fica bem. Bem fica. Porto. A. D. E. Em crise. Para não variar. Não acaba. Os «Putos» não deixam. São fortes. Lutam. Contra tudo. E ganham. Empa-tam. Ou perdem. Mas levantam-se. E continuam. Em frente. Sem medo. Com coragem. Para assistir às mudanças. Ao que estão a fazer ao mundo. À prepotência dos mandantes. À falta de força dos intermédios. Que castigam os pe-quenos. Que se bai-xam aos grandes. Que traíem. Que põem e dispõem por trás. Seja assim por mui-to anos. Se não? Não podem dizer mal na minha rua.

Preços do «Farol de Esposende»

Assinatura Anual
País e Estrangeiro:..... 1.200\$00
Número avulso 50\$00
Assinatura de apoio a partir de 1.500\$00
Publicidade, colaboração e novas assinaturas podem ser feitas em
Residencial Acrópole
A/C João Pérola
4740 Esposende
Tel:961941

«Farol de Esposende» Quinzenário

Redator: Celestino Dias da Costa

Colaboradores:

Pe. Dr. Adélio Torres Neiva
Altamiro A. Marques
António Monteiro dos Santos
Dr. António Nogueira
Armindo da Rocha Duarte
Dr. Celeste Portela
João Migueis F. da Silva
Dr. João Gonçalves da Costa
Jorge Braga
José de Sousa Felgueiras
José Eduardo S. Felgueiras
Dr. Mário Leitão
Mário Morgado
Manuel António Monteiro
Dr. Rui A. Faria Viana
Dr. Rui Cavalheiro da Cunha
Dr. Tito Evangelista e Sá
Dr. Virgínio Sá

Correspondentes

Antas: Nereides Martins

Apúlia: Conceição Carvalho

Bellinho: Arq. to António Veiga

Fão: Dr. José Cândido Vinha Novais

Forjães: T. te Luis Gonzaga A. Coutinho

Gandra: Manuel Bernardo Santamarinha

Gemeses: Dr. Manuel Alves Coutinho

Mar: Dr. António Maranhão Peixoto

Marinhas: Rosa Maria Coutinho

Palmela: Marcelino D. Pereira

Rio Tinto: António Ferreira Vilaça

Propriedade: Forum Esposendense,
Associação Cívica para o Desenvolvimento
e Progresso do Concelho de Esposende

Redacção e Administração: Rua Barão de

Esposende, 35 - 4740 Esposende

Composição e Impressão: Empresacoop -

Rua Bernardo Sequeira - 591.

Telefone 79850 - 4700 Braga

Nº de Registo: 114969 / 90

Tiragem por quinzena 2.000 exemplares

Telefone: Sede, Redacção e

Administração- 964836



A Rosa dos Ventos vai nascendo no Largo Rodrigues Sampaio, mesmo em frente ao banco.

Comentava o marítimo que o Norte estava muito puxado a terra mas parece que não.



Estes são os novos pés da Rua Direita

Festas de S. João

Excedendo as expectativas, as Festas de S. João, que cumpriram para além do programa, foram tão vivas e tão animadas que já se dizia que queriam acabar com as Festas da Sr.ª da Saúde.

Parabéns à comissão organizadora.

Festas de S. Pedro

Abafadas pelo S. João que se prolongou até ao dia 28, nem isso nem a chuva impediram que Ti Ana Torcato mais o filho Álvaro Paquete liderassem uma marchinha de 5 arcos e balões com exibição no largo dos peixinhos (salvos sejam...). Tradição é tradição mesmo sem fogueira (por causa da chuva).

Os Riscos Soluções ecológicas (viáveis) precisam-se

De todas as actividades humanas aquelas que mais dependentes estão das condições meteorológicas são as da agricultura e as actividades desta directamente dependentes.

A produção de alimentos é crucial em um mundo faminto: — um terço da humanidade alimenta-se mal e outro terço passa fome. Ainda se morre de fome a pouco mais de um decénio do final do século XX. E entretanto há enormes desperdícios de alimentos!

Diversos estudos nos países mais desenvolvidos (Estados Unidos e Reino Unido, por ex^o) conduzem a cenários para o 1º século do próximo milénio, em que as alterações climáticas consequentes do aquecimento da Terra originariam enormes mudanças nas aptidões agrícolas de extensas regiões do globo. — Em alguns desses cenários os Estados Unidos, e talvez também o Canadá — que hoje são os celeiros do mundo, o que muito contribui para o seu poder económico e estratégico — veriam muito reduzida a sua produção de cereais a favor de países como o México, os norteafricanos e do Próximo Oriente.

Pode imaginar-se o agravamento do problema alimentar mundial, se se tiver presente que a adaptação das espécies a cultivar em novos solos e em novas condições climáticas poderia exigir vários decénios antes de se obterem os rendimentos norte-americanos actuais.

Do que fica dito se compreende por que razão o «efeito de estufa» é hoje um problema político. E é fácil prever com segurança que cada vez será mais encarado como tal.

Os que advogam a limitação da utilização de energia que seja acompanhada de produção de «gases de estufa» (nomeadamente o dióxido de carbono) — o que implicaria uma dramática limitação da utilização dos combustíveis fósseis (carvão, petróleo, gás natural) — não poderão pensar que as populações dos países menos desenvolvidos prescindirão de procurar satisfazer os seus anseios de progresso material, tanto mais quanto aos referidos quase sempre levam a prever um maior aquecimento nas regiões do «Norte rico».

APELES

Nos nossos tempos da primária certos livros escolares continham algumas fábulas.

Das que recordamos havia uma que era mais ou menos assim «Apeles, pintor grego do Século III A.C., tinha acabado de pintar um quadro, quadro que representava uma figura feminina e com umas chinelas calçadas nos pés. Tendo dúvidas se as mesmas estariam com a perfeição desejada. Apeles resolveu chamar um sapateiro seu vizinho para que o mesmo lhe desse a sua opinião avaliada, como mestre que era de tal arte (sapataria). O mestre sapateiro, uma vez em frente do quadro olhou, mirou e remirou, dizendo-lhe que as chinelas estavam pintadas com o maior rigor mas... que os joelhos da figura tinha, uns pequenos defeitos. Então Apeles depois de o ouvir respondeu-lhe apenas: não vá o sapateiro além da chinela. Esta sua frase vem dizer-nos que cada um deverá apenas pronunciar-se somente sobre aquilo do que na realidade sabe e está ao seu alcance, não devendo por isso meter-se

O ambiente e o homem

Durval Serra

Os outros problemas antropogénicos (isto é de origem humana) que afectam a atmosfera são de caracterização mais fácil quanto às suas causas e suas consequências (ou efeitos) a curtos e longo prazo. Sendo assim, também será mais fácil encontrar as soluções preventivas a adoptar, em grande parte já bem, conhecidas. — É o caso da rarefacção de algumas partes da camada estratosférica de ozono. (Já há decisões ou em vias de sê-lo, acerca da redução e final eliminação do fabrico dos incriminados compostos fluor-coló-carbonos e outros «halons» se lhes seguirão). — É o caso também das «chuvas ácidas» — problemas importantíssimo já que as preservação ecológica dos solos, como da atmosfera e a dos oceanos, é condição da sobrevivência dos milhares de milhões de seres humanos sobre a Terra.

(Notar que esta forma de poluição está também primordialmente ligada à utilização dos combustíveis fósseis). A fixação dos poluentes é possível e tecnicamente bem conhecida.

O problema do «aquecimento global» é bem mais complexo, sobretudo se se vier a confirmar os efeitos mais alarmantes: — Elevação da temperatura, elevação do nível dos oceanos, alterações muitos grandes na distribuição pluviométrica e na nebulosidade. — Aliás esses cenários têm a sua contrapartida em resultados de outros estudos (sobretudo de físicos — O meteorologistas, geólogos e geofísicos), que, à luz dos conhecimentos actuais da vida da Terra desde há milhões de anos, conduzem a cenários mais tranquilizadores acerca de um possível desequilíbrio da estufa-Terra.

Todavia se se provar que o «efeito de estufa» é uma realidade nociva e que os

mecanismos planetários naturais não serão capazes de compensá-lo, haverá que adoptar medidas correctoras ou preventivas adequadas.

O que fazer? Apece também questionar: — O que não fazer?

A primeira ideia, logicamente será reduzir o consumo dos combustíveis fósseis. Não havendo abundância de outras fontes de energia economicamente atraentes, duas vias se nos oferecem: (A). Melhoria de produtividade na utilização da energia. Isto já se verificou ser possível em escala superior a 15% nos países desenvolvidos. Nos restantes países, onde vive a maior parte da população do mundo, um crescimento da utilização de energia é inevitável. Será necessário que, af também, a produção de energia e a sua utilização alcancem níveis de produtividade elevada, o que não será fácil sem a maciça ajuda em capital e tecnologia por parte dos países desenvolvidos. (B). Redução do consumo da energia global sobretudo nos países desenvolvidos, onde existem consumos de energia supérfluos.

Os recursos e outras fontes de energia deverá contemplar sobretudo as energias renováveis: biomassa, solar, geotérmica, eólica, etc.

A cessação da deflorestação, tanto quanto possível, e a reflorestação de áreas sem real aptidão agrícola ou pecuária constituem outra estratégia para reduzir o risco do aquecimento global. Primeiro, porque manter as matas e as florestas — e não queimá-las em pura perda apenas para debastar terrenos — tem a vantagem de manter o carbono sob a forma vegetal, não como CO₂ na atmosfera. Depois porque poderão utilizar-se as matas e florestas como fonte de biomassa (queimando apenas os resíduos,

Outros, permitindo-se meter «a foice em seara alheia» e exibindo como fruto dos seus conhecimentos, naquilo que em verdade nem sabem nem estão preparados, um simpeles revista de onde leram algo sobre o assunto em causa, como se só eles a tivessem, adquirido ou lido, quando a mesma se vende em qualquer papelaria ou tabacaria logo, ao alcance de qualquer um.

Ainda há os que pretendendo estar em dia com todos os assuntos vêm sobre eles dissertar, o que leva o leitor a concluir que se trata de uma divagação e que, como tal, nem o próprio autor sabe o que pretende, com excepção de quem em terra estranha leu determinado diário.

E então em política? É um maná de sabedorias.

Passados que são vinte e três séculos sobre a pintura de Apeles, o seu dito em relação à opinião do sapateiro é mais que actual.

Polar
Junho/92

pressão («lobbies») do nuclear estão a virar encarniçados ecologistas na perspectiva de um solução do «efeito de estufa» que lhes seja favorável!

É preciso ter presente que a actual tecnologia nuclear aplicada à produção de energia para além dos riscos de exploração (de que a recente catástrofe de Chernobyl é um terrível exemplo) origina resíduos radioactivos que serão para sempre (quase!) uma ameaça de genocídio para a Humanidade. — O recurso a esta energia nuclear é exemplo do que não se deve fazer!

Cabe aqui salientar o interesse cada vez maior da investigação, que prossegue, no domínio da energia nuclear «de fusão», que, se for viável economicamente, facultará à Humanidade energia em quantidades ilimitadas com riscos de poluição (incluindo radioactiva) que se prevêm mínimos.

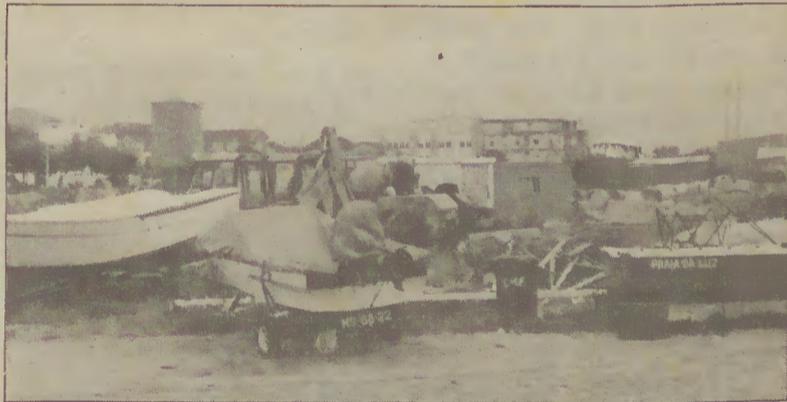
Se for preciso... acreditamos que será feito o que for indispensável para prevenir ou remediar as consequências de um aquecimento global.

Será um trabalho em que os «países ricos» necessitarão da colaboração dos «países pobres». — Os povos não saberão nem quererão dar essa ajuda, se as actuais diferenças sócio-económico-culturais prevalecerem.

Uma Comunidade Planetária, mais coesa e solidária, será a solução política indispensável para resolver os problemas que um aquecimento planetário incontrolado ocasionaria.

Será que de uma coisa má, virá a resultar uma coisa boa?

PELA RIBEIRA



Esta é a confusão reinante



Este é o «Fife of Sand» reparado e abastecido pronto a zarpar rumo à Escócia.

O concelho em notícia / O Concelho em notícia

Rio Tinto

Folclore

Tem vindo a realizar-se actuações do nosso Rancho Folclórico «Lavradeiras do Rio Tinto». A mais recente actuação teve lugar no passado dia 21-06-92, no já muito badalado «Piquenício». Organizado pelo Programa Diário Rural da Rádio Comercial e realizado desta vez na vizinha cidade de Barcelos. Graças ao esforço e dedicação de todos não deixamos de elevar bem alto as tradições e cultura do nosso Povo. A actuação do Grupo foi meritória e mais uma vez dissemos: «Rio – Tinto – Esposende, Presente!». Bem hajam todos quantos teimam em perpetuar as danças e cantares dos nossos avós.

Fogo Posto

A nossa freguesia, bucólica e amante da Paz, foi surpreendida há dias pelo facto de um pirómano an-

dar a atear fogo em diversos pontos do lugar de Caveiros, tendo inclusivamente agredido uma menor que atónita, via o fogo lavar em diversos pontos. Apesar da pronta reacção de populares, não foi possível capturar o indivíduo em questão, que segundo consta, andava encapuçado para evitar ser reconhecido.

Assalto

Na madrugada do dia 26 de Junho, foi assaltada por meio de arrombamento a mercearia «Vasco» do Lugar da Capela. Tudo leva a crer que os meliantes utilizaram uma viatura ligeira e foram carregados de géneros alimentícios de vários tipos.

Lamentamos estes factos, e se assim continuar, ver-se-à a população obrigada a montar vigilância para coadjuvar as autoridades na protecção da Propriedade Pública e Privada.

De facto, foi dado conhecimento às autoridades locais, que por certo, encetarão as necessárias diligências para pôr cobro a tais desmandos.

António Vilaça

Marinhas

(Riacho do Peralto)

Da gerência da Fábrica de Lacticínios das Marinhas recebemos, com pedido de publicação, um esclarecimento sobre a notícia inserta no nº 35 de Farol de Esposende.

«Em nome dos postos de trabalho directos e indirectos que representamos e dos inúmeros produtores de leite que subsistem com grande esforço e sacrifício entregando-nos o leite que recolhemos, o que, no seu conjunto, representa para a economia da região um valor acrescentado não negligenciável, sentimo-nos no dever moral e na obrigação técnica de responder ao artigo indicado acima, publicado nesse Jornal, não só atendendo à nossa vontade de esclarecer o público, que nos merece todo o respeito, como também para o alertar para as nossas iniciativas e cuidados em sua defesa e no cumprimento das leis.

Foi sempre preocupação da fábrica de Lacticínios das Marinhas, desde a sua fundação em 1954, procurar melhorar a qualidade dos seus produtos, mesmo que isso signifique, por vezes, investimentos superiores à rentabilidade que proporcionam. O efluente consequente da sua actividade fabril tem sido nos últimos tempos sujeito a análises periódicas que definiram um conjunto de acções programadas e

cuidadosamente estudadas, passando pelo aperfeiçoamento da separação de soro, a contratação de uma empresa idónea e responsável pela elaboração de uma projecto de estação de Tratamento de Águas Residuais por métodos de tecnologia de ponta e já subejamente comprovados no estrangeiro, obedecendo ao rigor da legislação comunitária. Apresentado esse projecto às autoridades competentes o mesmo foi autorizado passado tempo superior ao que desejaríamos.

Assim, obtida a devida definição regulamentar e os parâmetros pelos quais nos deveríamos reger, esta-

mos, desde já, em fase de construção da nossa Estação de Tratamento de Águas Residuais, vulgo ETAR, o que não deixa de representar para nós um esforço financeiro elevado mas, que pretende significar não só o cumprimento rigoroso da legislação em vigor sobre o assunto, como também a defesa intransigente do interesse público. Toda a documentação inerente a este processo está ao inteiro dispor para quem, com responsabilidade, a deseje consultar.

Quanto a definir quem polui e como, aconselhamos aos responsáveis por afirmações similares, que caracterizem, quantifiquem e qualifiquem a poluição para poderem determinar com eficácia a sua origem. Por vezes surgem surpresas inesperadas.»

Antecipadamente gratos pela v/ atenção, apresentamos os n/melhores cumprimentos e subcrevemo-nos,

de V. Exas.

muito atentamente,

Berta Maria Bacelar de Castilho,

Gerente

«Eta em Rio Tinto»

No trabalho sobre a visita às obras municipais, publicado no número anterior, houve uma gralha que insistiu manter-se indicando a construção duma ETAR em Rio Tinto, quando se tratava duma ETA

(Estação de Tratamento de Água), que deve estar concluída daqui a cerca de um ano.

Pedimos desculpa aos nossos leitores aqui fica a correcção.

A Casa do Minho (Lisboa)

Visita Esposende

Em missão de apresentação de cumprimentos, deslocou-se, na passada semana, à Província Minhota, uma delegação da Casa do Minho de Lisboa conjunta pelo seu Pres. da Assembleia Geral, Dr. Orlando Capitão, Pres. da Direcção, Cor. Alexandre Lima e Director Manuel Cunha.

Tendo cumprimentado quase todas as Câmaras Municipais do Minho, passaram por Esposende no passado dia 1, tendo sido recebidos pelo presidente da Câmara Esposendense.

Tendo como mais árdua tarefa a construção de uma nova sede, a direcção da Casa do Minho, recentemente eleita, tenta imprimir uma nova dinâmica de gestão daquela Casa Regional em Lisboa de molde a poder ultrapassar todos os obstáculos que facilmente se antevêm.

O dinamismo e espírito de sacrifício que os animam decerto os conduzirão às metas idealizadas.

Depois de um jantar para que fomos convidados juntamente com os representantes de Jornal de Barcelos, Jornal de Esposende e Rádio de Esposende, tivemos oportunidade de a todos mostrar a sede do Forum Esposendense e redacção deste Jornal, onde um grupo de forenses se encontrava em reunião de trabalho

Antas

■ Canoagem no Rio Neiva

O Departamento de Canoagem do Rio Neiva – Associação de Defesa do Ambiente vai realizar, a partir do próximo dia 27 de Julho, na Foz do Rio Neiva, em Antas, uma acção de sensibilização à técnica da canoagem.

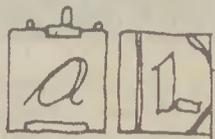
Divulgar uma modalidade que exige o contacto directo com a natureza e captar novos praticantes são os objectivos imediatos a atingir com a iniciativa.

Os interessados poderão inscrever-se até ao próximo dia 15 de Julho, na Sede Regional, em Antas, ou nos locais onde se encontram afixados os respectivos cartazes informativos.

Gandra



Regressado após 18 meses nas Américas, Luis Portela (filho) encontrou «Esposende de patas para o ar».



Artes e Letras

Capitães, Pilotos e Marinheiros

Por: J. Felgueiras

autêntica aventura de suplício desesperante.

Temos que ter presente que hoje se vai ao Brasil em meia dúzia de horas e que, em 1870, em viagens do Rio Grande do Sul para o Porto, poderia levar 96 dias!

Foi o que aconteceu a este valoroso Capitão. A ele, que dois anos antes (1868) tinha feito a mesma viagem, em sentido contrário, gastando apenas 49 dias, ao fim dos quais registou com satisfação o seu Diário «Nossa Senhora da Soledade nos dirigiu a Salvamento»...

Porquê então uma diferença tão grande entre uma e outra viagem?

Julgo que poderá ser suficiente para perceber tal facto, uma leitura do Diário a atentar na época do ano em que ambas foram feitas. Comparando o registo de ventos dominantes, e das correntes existentes em tais atitudes, e que sabemos existem, poderemos chegar à conclusão que a rota escolhida na 2ª viagem não foi exactamente a mesma segundo os cálculos efectuados diariamente, e que por outro lado, as condições atmosféricas foram completamente adversas na 2ª?

Um pormenore que não será de desprezar, talvez seja o do tipo de navio utilizado, por não ser igual na 1.ª e na 2.ª viagem, no que respeita ao modo como aparelhagem, sendo mais ou menos rápidos, conforme a superfície velica adaptada, à maior ou menor captação de ventos.

Assim, a 1.ª viagem foi feita a bordo do Palhabote (1) «Eurico» que saíu a bar-ra do Porto ao meio dia de 28 de Outubro de 1868, tendo anotado o Farol da Atalaia, no Rio Grande do Sul em 16 de Dezembro do mesmo ano.

A 2.ª, e que vamos acompanhar foi efectuada no Patacho (2) «JOÃO 1.º» que suspendeu o ferro às 12 horas do dia 7 de Abril de 1870 a reboque do vapor «Perseverança», do Porto do Rio Grande, para Fora da Barra.

Viagem longa, vai ser esta em que 11 pessoas constituíam a tripulação do navio sob o comando de António Bernardo que também era o Piloto. À sua guarda vinha um carregamento de couro e sebo.

Navega com todo o pano, com ventos calmos e mar picado, bordejando a costa brasileira, quando ao 6.º dia de viagem dia 13 de Abril, o mar se tornou bastante agitado e às «9 horas rebentaram os brandais do Velacho (3) de Bombordo (4), ficando a ponto de desarvorar».

Vai prosseguindo viagem, agora com «ameaças» de aguaceiros, e mar agitado com ondulação pela popa invocando sempre a proptecção da Senhora da Soledade. As 22 horas do dia 18, já com 11 dias de viagem, avista ao longe «O Pão d'Açúcar da entrada do Rio de Janeiro» e regista no seu Diário.

A partir do dia 26, o 25.º de lua. Navega a todo o pano com «tempos calmosos e

atmosfera de trovoadas».

Assinala a 1 de Maio com letras gordas: «Calmas»

Anota nos dias seguinte «ventos calmosos, mar bom e tempos de aguaceiros. Introduce um «novo» termo: «Tempos de Pirajás» (6) para o qual não encontro sinónimo.

Em 6 de Maio regista: «falamos com

Não podemos esquecer que a navegação era feita por estimativa.

Os ventos vão-se tornando irregulares e a atmosfera apresenta-se carregada com muito aguaceiros.

Ameaça chover, mas não chove. Os ventos são bonancosos. A velocidade é reduzida.

No dia 16 desse mês de Maio, o tempo está de aguaceiros por todos os lados. No dia 17 os ventos são calmosos, mar muito atrapalhado e atmosfera carregada de muito peso de água.

No dia 21, porém já o vento é forte e o mar agitado de proa.



... Na ocasião da ceia pegaram ao solo.

uma Galera Inglesa que vinha de Glasgow com 32 dias de viagens» e avista vários navios para sul.

Faz cálculos de longitude e regista 31º -23' - 49'.

A 29, um Domingo, já com 52 dias de viagem, «às 3.33 da madrugada, rebentou um ovem (6) da enxárcia do traquete (7) da parte de estibordo (8)», co-mo

Cont. na 6ª pág.

«Henrique Medina» Edita nº 1 de Minerva

Com vinte páginas acaba de sair o nº 1 da revista Minerva, editado pela Escola Secundária Henrique Medina.

Abordando temas diversos ligados ao ensino, afirma-se como produto de alunos, funcionários e professores do referido estabelecimento de ensino. O seu director, Dr. Américo Pereira Martins, diz-nos no editorial: «... Escrever: Construção da MINERVA - segunda edição - porta de entrada, espelho, resumo, participação... no MUNDO DA ESCOLA SECUNDÁRIA HENRIQUE MEDINA DE ESPOSENDE».

Mestre Pinta-Ratos II

De Manuel de Boaventura

Extraído do livro «Quatro Contarelos» - Edição do autor 1965

Pinta-Ratos, esculpindo e pintando cabeças de Cristo, metia-se dentro dum pensamento abstruso e vaidoso, que dominava a sua inteligência.

Humanas fraquezas, quem as não têm?

Isto chega a ser um caso de concentração de ideias subjectivas, fundidas na matéria plástica, em que o artista, na febre criadora, ou se mete dentro das personagens, que presente vivas nas sua imaginação, ou as tira de dentro de si.

No seu pobre «atelier» havia um velho espelho, de aço corroído, cheio de chagas e de raleiros. Era diante dele que trabalhava; e assim esculpia sobre merena nogueira ou louro buxo os seus famosos Cristos - à sua imagem e semelhança feios...

O génio criador...

Deus também fez o homem à sua imagem e semelhança!

Mas em 1910, quando foi procla-

mada a República, as obras já adiantadas, na igreja de Vilachã, paralisaram, suspenderam-se por tempo indeterminado.

Obras para quê? A República fecharia as igrejas...; enforcaria os padres...; atrelaria as beatas às carroças...; queimaria santos...; e, nem mesmo Deus estaria muito seguro nas Alturas com semelhante corja de pedreiros livres!...

Os ingénuos campónios racionavam assim e o Mestre Pinta - Ratos, monárquico de quatro costados, mais que ninguém, se indignou com a paralização das obras de pintura, que lhe estavam confiadas.

- Bandidos! Mataram o Rei e dão cabo de tudo!

Tinha deixado em meio a pintura do altar das Almas, no fundo do qual deixara esboçado flamejante painel, representando o Purgatório...

Os seus pincéis haviam tracejado, a

largas borratadas as labaredas amarelas, laivadas de vermelho que, em curvas de desabrida ventania, haviam de envolver, com intuito purificador, as almas imortais, para as lavar do pecado e poderem entrar no céu sãs e escorritas.

E lá quedava a obra acabada, por culpa daquela gente sem religião, sobretudo por culpa de certo ministro, que tratava deus por tu, sem qualquer cerimónia.

- Corja!...

Até que um dia veio ordem, para subir de novo, a escarpa de S. Lourenço e retomar o serviço, na velha igreja, que escadeia a sua ilusão entre agras, - bem mal abrigada, pela fragosa Cerca; e pelo arvorizado outeiro de S. Gibas - um santo de que não fala o Martirológico Romano.

Mestre Pinta-Ratos instalou-se na sacristia a compor as tintas com que ulti-mar o famoso painel das Almas

Santas.

Diante dele estava o jornal que embrulhava os pincéis.

Tinha gravuras: eram retratos dos corifeus da República: - os homens do governo com barbas de judeus...

- A corja...

Vagarosamente desembrolhou os pincéis e estendeu o jornal: Lá estava o maioral. Torceu o nariz, fez um esgar: «maçónico, bota-abaixo, mata-Cristo».

Começou dentro dele a geminar uma ideia de vingança, um desforço. Estivera mais de dois meses com o trabalho parado. Por culpa de quem?

- Daquele patife.

Olhou de revez o odiado retrato:

- Pagas-mas. Ai pagas, pagas!...

E encaminhou-se para o altar, com os pincéis e as tintas.

Do jornal cortou, com a espátula, o retrato. Fez depois um esboço a lápis. Ficava bem.

Começou a meter «almas», pelo meio das labaredas que, por três meses, ali ardiam, aos pés dum S. Pedro de Tiara, sem demasiado o chamuscar...

Mesmo ao centro, em lugar de destaque, de forma que todos vissem, avivou as labaredas e, entre elas, pôs a vera effigie do ministro com a pera metistofélica, os óculos e um esgar de dor, de manifesto mal estar...

- Amda, malandro...

Pôs-se de longe a ver o efeito:

- Estou vingado.

Mas aquilo não estava tão carregado, quando era preciso. Carecia de mais um pouco de fogo - umas chamas vermelhas e azuladas que o torturassem bem...

- Foste tu, ladrão, quem matou o Rei-velho e matou o Rei-menino. Aí tens a paga, no meio desse fogo... Arde p'ra'í diabo-mau!

Continua

Sobre a Praça do Município

Cont. da 1ª pág.

Eng. João Maria de Oliveira Martins

própria com ligações ao poder judicial. Se o Rei viesse para a Praça do Município o Pelourinho ficaria bem no local aonde se encontra o D. Sebastião, ao lado do Tribunal.

E então o busto do poeta António Correia de Oliveira?

Em várias oportunidades manifestei a opinião contrária à sua colocação na Praça do Município. Disse-o várias vezes ao meu pai que votou aquele local na reunião da Câmara da Presidência do meu estimado amigo António da Costa Leme.

Voltei a essa tese quando, em 1972, se celebrou o V Centenário da Vila, sendo então meu pai Presidente da Câmara, mas esta decidiu-se por manter o busto do poeta aonde está e colocar o do Rei na Ribeira, na praceta feita para o efeito.

O poeta figura maior nas letras nacionais, grande admirador e amigo da nossa Terra, chefe de um família que deu grandes vultos à nossa Pátria, e que constituiu uma

das honras do concelho de Esposende, merece indiscutivelmente estar representado na via pública, em lugar condigno.

Ao meu ver, deveria estar, porém, numa praceta em frente à Escola a que foi dado o seu ilustre nome. A memória do homem da Cultura ficaria em harmonia com um local de Cultura. Quem não compreenderia a mudança, dentro do reordenamento que se sugere e pelas razões que se expressam?

Um dia, Esposende terá de enfrentar esta questão.

Como Esposendense nascido, na vila, julgo que a Câmara Municipal deveria na ocasião em que reformula o perfil de algumas ruas e praças da sede do concelho, submeter o assunto à apreciação do órgão representativo de toda a sua população que é a Assembleia Municipal, depois de debate público, para o qual desejo contribuir com este depoimento.

A Praça do Município, carregada do seu simbolismo histórico: a memória de um Rei desgraçado, mas que foi a expressão pura da alma genuinamente portuguesa; um Poeta, na perenidade da sua Arte, nos ricos pensamentos que nos deixou e na grandeza do exemplo que foi a sua vida uma Cultura que se difunde por vários meios, mas aonde a Escola é um poderoso meio de difusão; a consideração por todos os que na Administração Municipal serviram a população do concelho em tempos e circunstâncias muito diferentes; e, acima de tudo, o cumprimento do dever da gratidão para os que souberam servir a Pátria e o povo que a consubstancia, merecem que estas coisas se apreciem e discutam com grande elevação e sem sentimentos menores, por mais compreensíveis que sejam.

É esse o meu propósito ao redigir estas notas.

Jornal «O Farol de Esposende» nº 37 de 9 julho/92

NOTARIADO PORTUGUÊS CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPOSENDE

CERTIFICO, narrativamente e para efeitos de publicação que por escritura de vinte e seis de Junho de mil novecentos e noventa e dois, exarada a folhas vinte e três, verso, do livro de Estruturas Diversas número cinquenta e cinco B, deste Cartório MANUEL DOS SANTOS PORTELA e mulher JÚLIA GOMES FERNANDES, casados sob o regime da comunhão geral, naturais da freguesia de Palmeira, deste concelho, onde residem, no lugar de Faro, declararam:

Que são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrém, dos seguintes prédios.

PRÉDIOS SITUADOS NA FREGUESIA DE PALMEIRA, CONCELHO ESPOSENDE

UM: - Prédio rústico, que consta de Pinhal e Eucaliptal, no sítio das minas, com a área de dois mil duzentos e cinquenta metros quadrados, a confrontar do norte Deolinda Gonçalves Chaves, do sul Martinho Gramoso Meneses, do nascentes Pascoal Fernandes Marques poente Francisco Lopes Rodrigues Ferreira Areias e outros, inscrito na matriz respectiva sob o artigo 202, com o valor patrimonial de seis mil seiscentos e cinquenta e seis escudos.

DOIS: - Prédio rústico, que consta de Pinhal e Eucaliptal, no sítio das Minas, com área de dois mil duzentos e cinquenta metros quadrados, a confrontar do norte com Manuel Gramoso Meneses, do sul Martinho Augusto da Cruz Sampaio, do nascente Pascoal Gonçalves Marques e do poente Francisco Lopes Rodrigues de Areia, inscrito na matriz respectiva sob o artigo 204, com o valor patrimonial de seis mil seiscentos e cinquenta e seis escudos.

TRÊS: - Prédio rústico, que consta de Pinhal Eucaliptal, no sítio das Minas,

com a área de nove mil e setecentos metros quadrados, a confrontar do norte António Neto Passos Faria sul com Francisco Gonçalves Couto, nascente António Pereira da Venda e poente Manuel Martins Rei e outro, inscrito na matriz sob o artigo 212, como valor patrimonial de vinte e nove mil duzentos e quatro escudos.

QUATRO: - Prédio rústico, que consta de Pinhal, no sítio do Alto da Serra, com a área de mil e novecentos metros quadrados, a confrontar do norte com Joaquim Queiros Rego, do sul Francisco Portela da Silva e outro, do nascente António Gomes da Costa (herdeiros) e poente Mariberta Carvalho, inscrito na matriz sob o artigo 247, com o valor patrimonial de quatro mil duzentos e oitenta e cinco escudos;

CINCO: - Prédio rústico, que consta de Cultura com Videiras em Ramada, no sítio do Campo da Zenha, com a área de quatro mil e cem metros quadrados, a confrontar do norte António Gomes, do sul com Caminho, do nascente Paulo Inácio Miranda da Silva e poente Ribeiro da Reguenga, inscrito na matriz sob o artigo 1 831, com o valor patrimonial de setenta e quatro mil oitocentos e trinta e nove escudos.

SEIS: Prédio rústico, que consta da cultura com Videiras em Ramada, no sítio da Quinta da Marota, a confrontar do norte Francisco Portela da Silva e outros, do sul Ribeiro da Reguenga, do nascente Ramiro da Cruz Quinta e poente Maria dos Anjos Gonçalves Portela, inscrito na matriz predial respectiva sob o artigo 1 848, com o valor patrimonial de trinta e nove mil e sessenta e três escudos.

SETE: - Prédio rústico, que consta de Cultura, no sítio do Juiz, na freguesia de Gandra, deste concelho, com a área de

mil metros quadrados, a confrontar do norte Manuel Barros Palmeira Rodrigues e Estrada Nacional do sul Deolinda Gonçalves do nascente Caminho e poente Adelino Martins Ferreira, inscrito na matriz predial respectiva sob o artigo 314, com o valor patrimonial de quatro mil duzentos e oitenta e cinco escudos.

Todos os prédios se encontram inscritos na matriz em nome do justificante marido e atribuem a cada prédio o valor de CEM MIL ESCUDOS.

Nenhum dos prédios se encontra descrito na Conservatória do Registo Predial deste concelho.

Que sempre estiveram e se têm mantido na posse e fruição dos mesmos prédios há mais de vinte anos, cultivando-os, colhendo os frutos, administrando-os com ânimo de quem exercita direito próprio, fazendo-o de boa fé, por ignorarem lesar direito alheio, pacificamente, porque sem violência, contínua e publicamente, com conhecimento de toda a gente, sem interrupção ou oposição de quem quer que seja.

Que, dadas as enunciadas características de tal posse, adquiriram os identificados prédios por usucapião, não dispondo, todavia, dado o modo de aquisição de documento ou título formal que lhes facilite a prova do seu direito, base do registo que pretendem fazer a seu favor.

E para suprir a falta de título prestam estas declarações para efeitos de primeira inscrição no Registo Predial.

Vai conforme ao original.

Cartório Notarial de Esposende aos vinte e seis de Junho de mil novecentos e noventa e dois.

A Notária, A. Ilegível.

CONTA: Registada sob o n.º 2388

Capitães, Pilotos e Marinheiros

Cont. da 5ª pág.

Por: J. Felgueiras

bons marinheiros que eram resol-veram o problema de imediato, agora pois nao alude mais ao facto anotando somente que ia parecendo algum sar-gaço.

Continua a invocar à virgem da Soledade. Estão sós, em zona de calmarias. Impotentes para fazer o que quer que fosse, a não ser rezar para que viesse vento! Devia ser deveras angustiante estar sózinho no imenso oceano, e ainda por cima parado, ou quase...

A tripulação estava tensa, e a provar o estado de espírito de alguns elementos, António Bernardo anota no seu Diário que «às 6.30 da tarde, os marinheiros Joaquim da Cristina e Manuel Marafôna, na ocasião, pegaram ao sôco por duas vezes, sendo apartados da primeira vez pelo capitão. Não dá mais pormenores sobre a contenda, mas será fácil de adivinhar o sucedido não terá passado para além da ligeira barroca...

Às 10 horas da noite de 16 de Junho avistaram uma Galera Inglesa. «Trovoadas fucimadas de calor»; «atmosfera nublada de calor; são expressões constantes nos dias que se seguem.

No dia 23 de Junho, e já no rumo dos Açores com o mar «muito desconcertado», às 29 horas diz que... «falando com a barca Bahiana vindo da Bahia para o Porto» e anota «grande porção de navios». No dia seguinte escreve que às 17 horas avista a mesma barca perto deles».

No dia 30 de Junho, faz marcação para Ilha das Flores e anota a passagem na primeira página do Diário, onde faz correcções (à parte) ao rumo, e refere uma Celestina Sousa (?) da Rua Nova (hoje Barão de Esposende).

Em 7 de Julho, fala, à meia noite, com a galera «tentador» da Praça do Pinto.

Leva já 91 dias de viagem. Vem, finalmente perto do seu destino...

Os ventos (anticlones dos Açores...) tornam-se fescos, o mar agitado e a atmosfera chuvosa.

Já quase a chegar ao Porto e com 95 dias passado sobre o oceano, complicaram-se mais em vez as coisas; com ventos tempestuosos e aguaceiros fortes.

Os navios passavam-lhe pela popa por NOR-NORDESTE.

«Às 7.30, o dispenseiro e o marinheiro Vicente altercaram o Capitão, por mandar meter a vela grande nos rizes», pois este tê-lo-à feito por um questão de segurança, diminuindo a velocidade do navio, como se compreende. Porém a ansiedade de chegar era tanta que discutiram as ordens do Capitão.

Finalmente, às 10 horas do noite do dia 12 de Julho de 1870, e depois de 96 dias, sobre o mar largo chegaram à entrada da Barra do Porto, onde António Bernardo escreveu certamente cansado, mas aliviado «Nossa Senhora da Soledade nos deu feliz viagem».

Notas:

1 - Navio de 2 mastros, de lugre, sem vergas.

2 - Navio de 2 mastros, cruzando vergas no grande.

3 - Cabos que aguentam os mastaréis do valado para a borda.

4 - Lado esquerdo do navio, visto de popa.

5 - De pira? Nuvens avermelhadas afogueadas?

6 - Cabo de enxárcia (escadas de cordado por onde subiam aos mastros).

7 - Mastro da proa.

8 - Lado direito do navio.

Jornal «O Farol de Esposende» nº 37 de 9 julho/92

Tribunal Judicial da Comarca de Esposende

1ª Publicação

ANÚNCIO

O DOUTOR ANTÓNIO JOSÉ MOREIRA RAMOS, Meritíssimo Juiz de Direito do Tribunal Judicial de ESPOSENDE:

Faz saber que no dia 15 de Outubro de 1992 pelas 14,30 horas, no Tribunal desta Comarca, na Carta Precatória nº 78//92 da 1ª Seccção, extraída dos autos de Execução Sumária nº 27/90 da 1ª Seccção do 1º Juizo do Tribunal Judicial de Barcelos, em que é Exequente Abel Alves Figueiredo & Filho Lda e Executada MAMIROL - Malhas Miranda Rosa Lda, com sede em Eira D'Ana, Palmeira, Esposende, hão-de ser postos em praça para se arrematarem ao maior lance oferecido, acima do valor indicado no processo, de um veículo ligeiro de mercadorias com a matrícula QN-64-26, do ano 1988, em bom estado de conservação, pelo valor de dois milhões e duzentos mil escudos. Do bem é fiel depositário o Srº Carlos Filipe Miranda Rosa residente em Eira D'Ana, Palmeira, Esposende.

Esposende, 24 de Junho de 1992

O Juiz de Direito,- as) António José Moreira Ramos

A Escriutária,- as) Fernanda Sá Lima

Lavandaria

GENI

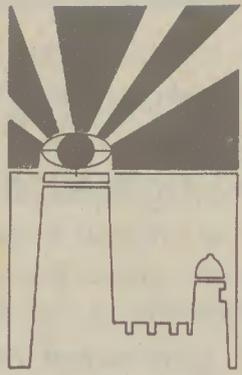
Rua Barão de Esposende, 35

Telefone 96 22 06

4740 Esposende

SUPLEMENTO

UMA FREGUESIA
EM
DESTAQUE



QUINZENÁRIO
50500

DIRECTOR-INTERINO: JOÃO MIGUEIS

farol de esposende



VILA
DE
APÚLIA



PORTE PAGO ANO 2 - Nº 37 - 9 - JULHO - 1992

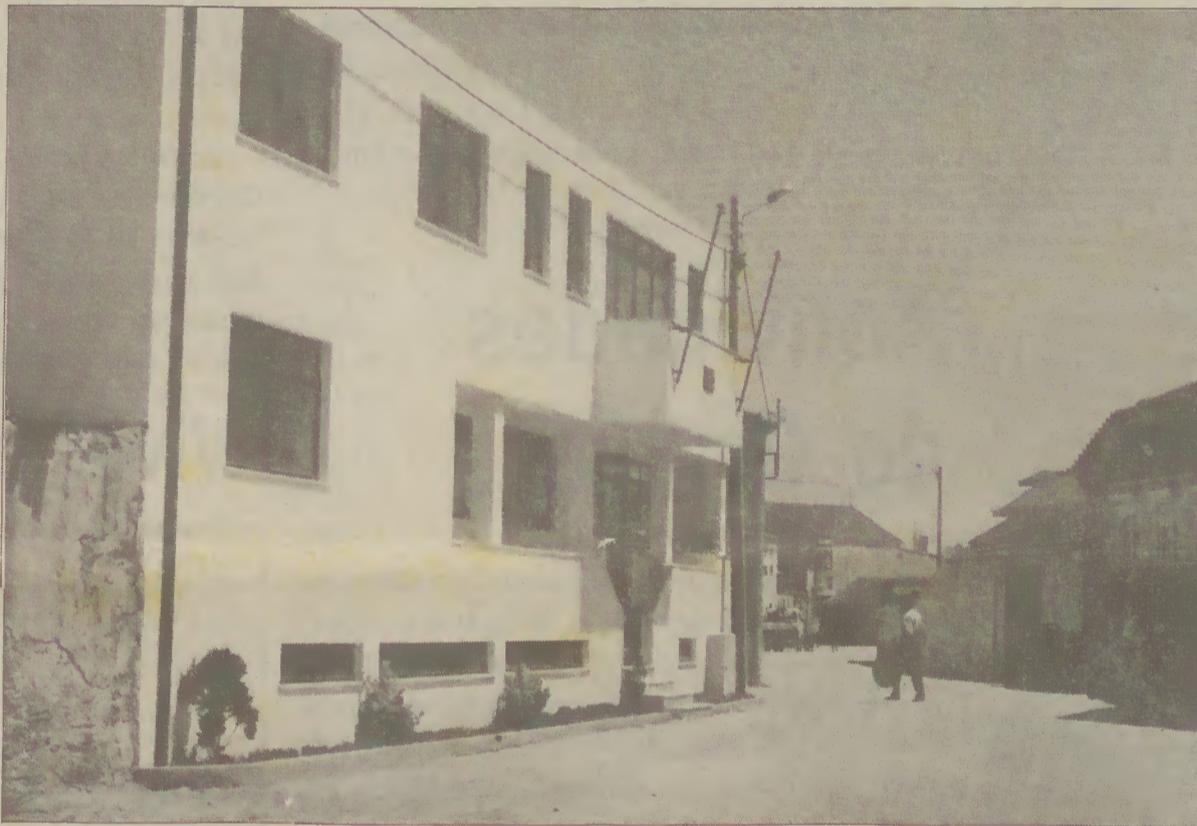
Junta de Freguesia de Apúlia

Numa curta entrevista com os elementos da Junta de Freguesia de Apúlia, recolhemos alguns elementos que nos permite avaliar um pouco da realidade e das aspirações desta novel vila.

Eleita em Dezembro de 89, a Junta de Freguesia, constituída por José Santos Fonseca o Presidente; José Luís Queiroga Figueiredo o Secretário e Firmino Fernandes Dias o Tesoureiro, funciona em edifício próprio, concluído em fins de 1990, coabitando também na sua sede o Grupo Desportivo de Apúlia.

Actualmente, esta terra, já recuperou muito do atraso em que se encontrava em relação à criação de infraestruturas que acompanhassem o ritmo do seu crescimento.

Encontramos, neste momento em Apúlia importantes obras que permitirão uma melhor qualidade de vida às gentes desta terra e aos milhares de visitantes que, principalmente aos fins de semana, demandam estas paragens. O abastecimento de água e o sa-



neamento são obras prioritárias que estão em fase de execução, incluindo a construção duma ETAT (Estação de Tratamento de Águas Residuais).

Mas a habitação social, (tam-

bém vai ser uma realidade, através da venda de lotes para auto-construção numa área de cerca de 14.000 m², e da construção para venda de 17 moradias geminadas e 45 apartamentos em três

blocos.

O Centro de Saúde já tem terreno disponível junta à escola C+S, deseja-se por a conclusão do projecto e respectiva execução.

A praia da Couve, já sofreu alguns melhoramentos, mas a Junta de Freguesia considera como primeira urgência da freguesia o arranjo de toda a zona envolvente. A limpeza da zona da Couve é uma das maiores aspirações que, apesar de vários projectos de pormenor já feitos, ainda não encontrou a solução adequada.

A zona de Cedoveina, tem já solução à vista, esperando-se para, depois do verão a execução do plano de pormenor previsto para aquela zona. A câmara aguarda da Direcção Geral de Portos a indicação dos limites da área pertencente ao domínio público marítimo para pôr em marcha o processo de demolição das baracas, sendo destinados pré-fabricadas para os pescadores.

Nos planos da Junta de Freguesia constam ainda como aspirações a ligação de Apúlia à Estela - Póvoa, a construção dum Polidesportivo afecto à escola C+S e a criação de novas áreas de lazer.

Apúlia: Itinerário Histórico

A história de Apúlia perde-se na poeira dos séculos. Há dois milénios a esta parte, o seu solo tem conhecido permanentes ocupações que, e uma forma, deixaram importantes vestígios arqueológicos. Não será difícil imaginar o frenezim das gentes romanas que labutavam na então importante «Vila Menendiz» ou a casa do Senhor Mendo. A beira mar era sempre cobiçada e o despertar de novas técnicas agrícolas faziam deste lugar o assento de eleição.

Então, como agora, o único regulador do tempo era o pôr do sol.

Entre 138 e 136 A.C. as tropas do Décimo Júnio Bruto atravessam o Douro e encaminham-se para o Li-

ma. Qual o seu percurso?

Ter-se-ão dirigido para Braga, capital de província, ou, saindo da via principal, terão percorrido o litoral passando por Apúlia, romanizando-a? Deixemos pairar esta interrogação mas não a ponhamos de parte e recordemos a Barca do Lago como uma importante passagem do Cávado.

Quão agradável seria assistir à azáfama da pesquisa do ouro da vizinha lagoa Negra, o movimentar das tropas romanas ora defendendo o Cávado, ora defendendo a praia apuliana.

Aqui e ali os magistrados romanos demarcavam terras e, naturalmente,

cobravam, os impostos. As «villas» surgem, a agricultura desenvolve-se. E de quando em quando, um ou outro barco, de vela içada, abeira-se da lagoa de Apúlia e descarrega ânforas com azeite e vinho, carregando outros produtos, quiçá os soculentos legumes das já férteis hortas e mesmo o sal retirado dos tão arranjados talhos de Paredes. Notam-se grandes movimentos nas «villas» de Menendiz e Sabariz.

Estamos a voltar a página do primeiro milénio. Iniciamos uma árdua etapa da nossa História. Tínhamos que expulsar os mouros da nossa terra e darmos assim começo à Reconquista. É precisamente nesta época

que se formam muitas «villas», por vezes entregues àqueles que lutaram contra o sarraceno. Estas «villas» indicam-nos uma unidade de povoamento e não propriamente uma unidade agrária como será, talvez, Menendiz ou Sabariz. Estamos convencidos de que mais não são do que antropónimos correspondentes à fase da Reconquista.

Depois do Ano 1000

Se até ao momento os ancestrais desta terra unicamente nos premiaram com restos arqueológicos, que limitam o aro habitado, a partir do ano 1000, início de um longo período

de escuro e marcado por longas crises, a documentação sobre a terra de Apúlia começa a conhecer-se e a alicerçar a sua própria identidade. Surgem as grandes crises escatológicas e a população - os mais abastados - recorrem com frequência a doações à Igreja com o intuito de afastar as forças do mal que vinham prenhes de morte.

Em 1078 um rico senhor de nome Froila Crescones doa ao Bispo D. Pedro metade da vila Sabariz incluindo a própria igreja. Segundo este documento localizar-se-ia esta vilas entre Real e Paredes. Também, e nesse mesmo ano de 1078, o mesmo

Cont. na 8ª pág.

Sargaceiros de Apúlia

Falam-nos da belicosa Roma dos Césares, aqueles «suestes» e aquelas casacas compridas, «as branquêtas», apertadas à cintura por largos e grossos cinturões de couro negro.

O traje dela, da sargaceira, esse é menos guerra, mais paz. Mais ternura, mais meiguice. Beijos de mar. Afago de terra fértil. Cultivada com amor e cantares de Primavera.

Airosa, mexida, faixa preta e coletinho, lenço merino ao pescoço, lá vai ela, graça ave, mão na mão do seu guerreiro, a ver as ondas do mar.

De comum aos dois, a lã da veste. Pura. Cór natural. E também o pé descalço. Pé de praia. Pé de mar. De areias fôfas, preguiças... Mas também de labutar. Gravetas e galhapões. Carrelas, brados, corridas. É o mar bravo, as-sargaçado, que é precido despojar...

Faz-se a noite. Volta o dia. Pé descalço em perna nua.

Puxa-lhe o corpo bailar. E baila. Baila ele. baila ela.

Um par. Dois pares. Oito pares...

E como bailam Os sargaceiros de Apúlia!...

Búzio do Mar



Grupos dos Sargaceiros da Casa do Povo de Apúlia

Fundado em 1934 por António Fernandes Torres, então presidente da Junta de Freguesia, o Grupo de Sargaceiros de Apúlia baseou-se, essencialmente, na indumentária característica e genuína do Sargaceiros. Foi então organizado para tomar parte na Exposição do Mundo Colonial Português que teve lugar em Lisboa, nesse mesmo ano.

Em 1940 António Fernandes Torres funda, também, a Casa do Povo local e nela integra o Grupo dos Sargaceiros, ficando, a partir dali, sob a responsabilidade da direcção daquele Organismo Oficial.

Composição do grupo

O grupo é composto da tocata que compreende duas concertinas, dois cavaquinhos, uma viola braguesa, um violão, um requê, um bombo e ferrinhos. Acompanham a tocata dois cantadores e quatro ou cinco pares que formam o coro. Oito pares formam o grupo de danças



Danças e Cantares

Todos os componentes, homens e mulheres, dançam descalços.

O Grupo dos Sargaceiros de Apúlia vem mantendo, através dos tempos, as características e o genuíno, sem alterações nem modernismos. desde sempre se cantaram e se dancaram como hoje a Luizinha, o Regadinho, a Laurindinha, a Vareira, o Bate-certo, a Cana-Verde, a Garrafinha, a Xula o Malhão, o Vira em Cruz e o Vira de Apúlia.



Actividades do Grupo

Em actividade ininterrupta desde 1934, o Grupo de Sargaceiros, representante ímpar do folclore português, quer pelas suas danças, quer pelo seu traje característico, foi sempre considerado um dos grupos de maior autenticidade, pelo que a sua presença se tornou indispensável nos maiores festivais folclóricos realizados no País...

(elementos textuais extraídos de um prospecto publicado nas comemorações do 50º Aniversário do Grupo de Sargaceiros de Apúlia)



O Grupo, hoje...

... Mas a fama atravessou fronteiras e, nos últimos vinte anos, os convites para actuações no estrangeiro passaram a ser uma constante. Tais actuações têm vindo a ser correspondidas na medida do possível, já que tanto provêm de organizações estrangeiras, interessadas em dar a conhecer às suas gentes a autenticidade e categoria de tão conceituado Grupo, como de representantes das numerosas colónias de emigrantes portugueses espalhadas pelos quatro cantos do Mundo. É assim que, desde o passado dia 16 de Junho, o Grupo de Sargaceiros da Casa do Povo da Apúlia parte para terras do Brasil, a convite da Revista «PORTUGAL EM FOCO», publicação da «Gráfica Lusfada, Lda», cujo Departamento Comercial e Associativo é liderado por Benvinda Maria, encantadora senhora residente no Rio de Janeiro, também ela enamorada por este doce torrãozinho apuliense.

Na página 48 do nº 2 da referida revista, publicada

no Rio em 10/06/92, Dia de Portugal, pode lêr-se, ilustrada com o postal acima, a seguinte mensagem.

«Sargaceiros de Apúlia no Brasil

O Grupo de Sargaceiros e portador de um forte abraço enviado pelo município de Esposende para toda a comunidade Luso-Brasileira, muito em especial para os esposendenses residentes nestas terras de Vera Cruz».

Ainda na mesma página, duas fotografias: uma panorâmica do estuário do Cávado e a figura de Alberto Figueiredo, referenciado como o presidente do município em causa.

Imagine-se agora a alegria daqueles esposendenses muito justamente orgulhosos dos seus Sargaceiros, que por lá continuarão até ao próximo dia 12 de Julho, actuando nos Estados do Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas Gerais!...

António Hipólito, actual Presidente da Direcção do Grupo e digno continuador da obra de tantos outros merecedores da nossa gratidão e aplauso, não pôde, desta feita, acompanhá-lo. Ficou do lado de cá. Do lado daqueles que, beicinhas - doces - saudades, já muito ansiosamente aguardam o seu regresso.

Viver em Apúlia

O sol nasce
O galo canta
E com eles todas as pessoas
Acordam para um novo dia

Passam apressados
Por entre as ruas
Não há tempo a perder
Pois o trabalho é muito

Mais um dia que passa
E outro, e mais outro
E a velha Apúlia
Transborda de vida

Mais um dia que passa
E a velha Apúlia
Sente uma renovação
Cada dia que passa há algo de novo

A cada dia que passa
Vai-se dando menos importância
Às coisas belas, ao mar
Ao céu, às gotas de orvalho

E em cada dia que passa
Algo está para vir
E a velha Apúlia
Fica aqui, sempre assim.

Mesmo que passe o tempo
E as coisas novas
Derrotem as velhas
Haverá sempre alguém...

Sempre alguém
Que recordará
Os velhos tempos
Com saudade

Haverá sempre alguém
Que sinta saudade
Do cheiro do sargaço
Da brisa do mar

Haverá sempre alguém
Que se esqueça de tudo
Das pessoas e das coisas
Mas nunca do mar.

Nilde Clara Carvalho
15 anos

Apúlia – Que origem?

A freguesia de Apúlia, se bem que tenha uma história documental bastante rica, o mesmo não se poderá dizer do ponto de vista arqueológico.

Poderia parecer à primeira vista que tal não acontecesse, ou seja, que os vestígios arqueológicos abundassem, uma vez que a tradição faz derivar a origem do seu nome dos romanos, devido ao paralelismo e semelhança encontrados entre esta aldeia marítima e a sua homónima italiana. Seria sobre as ruínas desta Apúlia romana que, segundo Manuel de Boaventura, se teria erguido esta aldeia (1). Porém, os vestígios arqueológicos não fundamentam esta teoria. Os poucos que aparecem, apontam para uma «villa» romana no lugar da Ramalha, quase na fronteira com a freguesia de Estela. Manuel de Boaventura nos anos 50 já a refere, enunciado uma série de vestígios arqueológico que apareciam à superfície ou quando se agricultavam os campos, como eram as téguas, mós manuais, fragmentos de

cerâmica, pedras trabalhadas, pedaços de coluna e apareciam mesmo restos de alicerces de estruturas de habitação. Actualmente este conjunto de vestígios encontram-se espalhados por diversos museus como sejam o de Antropologia do Porto, o Pio XII em Braga, o Martins Sarmento em Guimarães assim como em colecções particulares.

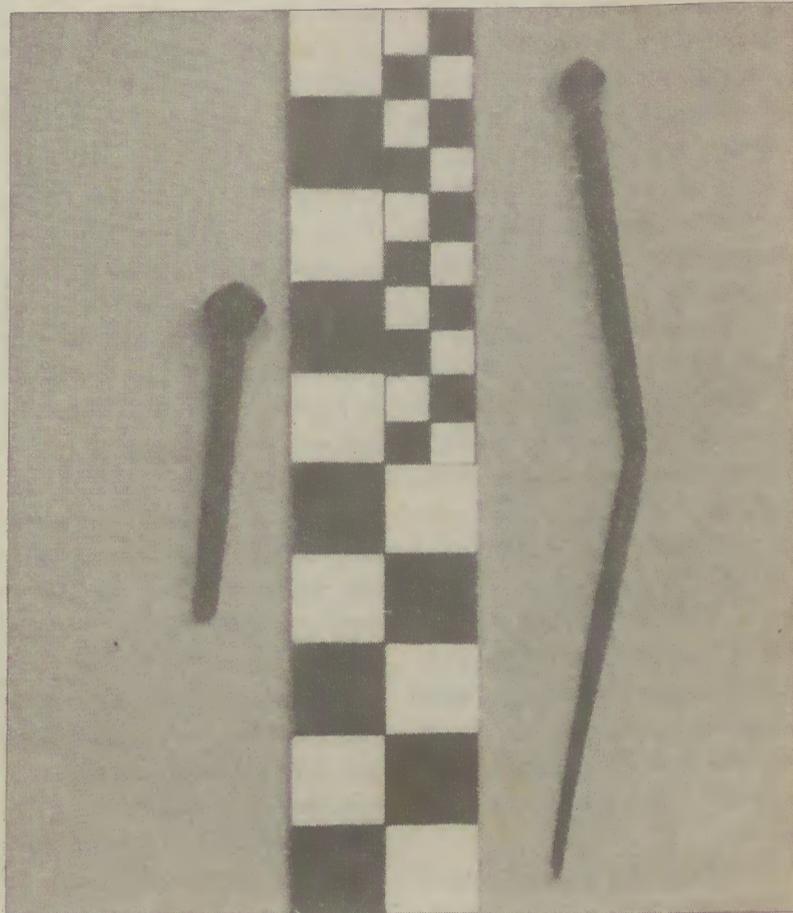
Todos estes vestígios foram atribuídos à desaparecida medievam «Villa Menendi». Contudo, com o actual estado em que se encontra a investigação arqueológica, relativamente a este assunto, não seria cientificamente correcto afirmar que uma seria a outra. Os vestígios que apareceram, tanto os recolhidos por Manuel de Boaventura, como os que ainda hoje o observador atento recolhe nos campos de maceira da Ramalha, também chamados do doutor, apontam para uma ocupação por parte de elementos indígenas que com a romanização teriam escolhido aquele local para se dedicarem à agricultura (uma vez que os terrenos

eram férteis) e a actividades ligadas ao mar.

Quanto à «Villa Menendi», já aparece referenciada numa carta de D. Afonso Henriques, de 1140, como coutada ao Mosteiro de Tibães. No séc. XI ou XII, conforme o Padre Cândido Eiras escreve, recebeu esta vila o foral de Couto. Daqui em diante muitos são os documentos que nos falam da história de Apúlia.

Porém, a questão continua ainda em aberto. Qual terá sido a origem de Apúlia? Como a tradição situa a Villa Menendi, ou Vila Mende (de época medieval) nos limites da freguesia de Apúlia com os da de Estela – local onde também se situa a «villa» romana da Ramalha – poderá ser provável que as vilas em questão sejam as mesmas, estando uma na continuidade da outra.

(1) Vila e Concelho de Esposende no IV Centenário (1572-1972), Esposende, 1972



Alfinetes romanos de Apúlia
Museu Martins Sarmento - Guimarães



Restaurante

A Cabana

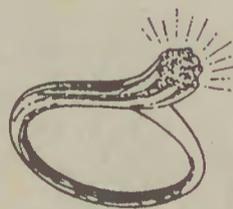
de: Abel Eiras Gomes Vieira

Lugar (Cedovem)
Telef: 982065

APÚLIA
4740 Esposende

Ourivesaria Correia

Ouro
Pratas
Jóias
Relógios



Modificação de
jóias nos mais
finos gostos

Avenida da Prata, 20
Telef: 981864

APÚLIA

Esposende

— Guias de Portugal —

A Associação Guias de Portugal é uma Associação Juvenil que com base no método de Baden-Powell, tem como objectivo a formação do carácter e personalidade das raparigas, desenvolvendo o seu sentido de responsabilidade, lealdade e serviço, o desenvolvimento intelectual, físico e espiritual, bem como a promoção social e formação cultural da família.

A Associação Guias de Portugal é uma pessoa colectiva de direito privado, sem fins lucrativos, e beneficia do estatuto de Utilidade Pública, nos termos da declaração pública do Diário da República Nº 261, II série de 13 de Novembro de 1985, página 10547...

A Unidade de Apúlia existe desde Novembro de 1985, quando alguns membros do Comissariado Regional de Braga se reuniu com algumas raparigas de idade superior a 16 anos e lhe explicou o que é ser Guia

A partir daqui o caminho foi apaixonante e ao mesmo tempo du-

ro, pois não foi fácil, nem o é agora, mostrarmos-nos mulheres, úteis, práticas e capazes, como Baden-Powell nos idealizou, porque a sociedade ainda não está preparada para ver as mulheres, fora de casa, produzindo e organizando actividade de índole cultural. Só em Setembro de 1987 se realizou a primeira Promessa de onde nasceram as primeiras Guias, pois só a partir deste compromisso com a associação nos tornamos Guias. Neste momento a Unidade de Apúlia tem cerca de 50 elementos e continuam a ser mais.

As Guias não vivem isoladas, não são um clube; as raparigas que são Guias devem ter consciência de que pertencem a uma Região, a uma Associação Nacional e a uma Associação mundial. Isto faz parte da pedagogia do movimento; neste contexto a maioria das actividades são a nível regional, nas quais tentamos participar sempre que nos é possível, como por exemplo: Cursos de Formação de Dirigentes e de chefes de patrulha, Visitas de estu-

do, Encontros de Fé, Campos de trabalho, Acampamentos, visando a progressão de cada Guia, e ainda outras actividades que têm sempre um objectivo específico - formar as raparigas.

Contudo, organizamos e levamos a cabo algumas actividades a nível local das quais se destacam as seguintes: promessas, acampamentos, visitas de estudo (Viana do Castelo) passeios, serviço ao próximo, a Acantonamentos, dias passados no campo, etc. Este ano temos em programa visitas de estudo por todas as freguesias do concelho, para elaborarmos um dossier de usos e costumes de todo o concelho. A convite das Guias da Madeira participaremos no Acampamento Regional da Madeira de 28 de Julho a 5 de Agosto deste ano. Para este efeito a Câmara Municipal concedeu-nos um subsídio de 100.000\$00 e a Junta de freguesia 50.000\$00. A ambas aqui ficam os nossos agradecimentos.

Conceição Carvalho

Praia da Apúlia

Pelas suas condições naturais — uma ampla e extensa baía — e sobretudo pelas suas propriedades terapêuticas, que lhe são atribuídas devido ao grande teor de iodo existente, é esta praia muito procurada na época balnear, e recomendada pelos médicos, que a consideram a mais iodada do país.

Foi, em tempos idos, estância de repouso de muitas famílias ilustres da região, que aqui possuíam residências próprias e vinham, em época de férias, descansar e conviver com a população local.

Actualmente, com um areal plano e amplo, cerca de 4 kms. de comprimento, 50 metros de largura na praia-mar e 200 metros na baixa-mar, delimitada, a

nascente, por um grande cordão de dunas, permite aos seus frequentadores, sobretudo às crianças, a descontração, sem uma necessidade de vigilância permanente. Sobre as dunas, a norte, lá estão os antigos moinhos de vento, hoje transformados em habitações de férias. A sul, vestígios dos moinhos do Saraiva, do «Gidório» e do Vendeiro, recordam os tempos em que os cereais eram transformados em farinha por processo rudimentar e artesanal.

Serviam, então, os moinhos de vento como pontos de referência à nevegacão, assinalados na cartografia marítima.

In «Apúlia» Edição dos Sargaceiros



FÁBRICA DE MALHAS QUEIROGA, LDA.

Rua do Açude, 1 • Apúlia — 4740 Esposende
Telef. (053) 981906 • Fax 981573

Joggings
Sweatshirts
T-Shirts

Importadores
e Exportadores

Estabelecimentos Mandita

O Estabelecimento do género mais antigo de Apúlia, onde pode encontrar toda a gama de artigos para todos os fins aos melhores preços do mercado e, ainda, Agentes das mais afamadas companhias de seguros em todos os ramos;

Tudo sob a gerência de:

Francisco Azevedo Caridade

Estabelecimentos Mandita

* Comercio Geral*

de

Maria Armada Correia Rebelo

Tel: 053 - 981636

Praia de Apúlia

Electro Apúlia, Lda.

Venda, Reparação de electrodomésticos
Venda, Revenda, tudo para Praia e Campismo



Secção de Fotografia e Video

Cont: Nº 501 844 970
Av. da Praia, 21 - Tel. 053. 981884
4740 Apúlia - Esposende

Com grande exposição de todos os artigos de Campismo e Praia.
Na Estrada Nacional 13, frente aos Marinheiros de Apúlia.

Impetus 
 AUTUMN/WINTER '92/93



SINGLE-JERSEY
 100% Cotton



Visita Ministerial

No passado dia 30 de Junho, o Eng. Couto dos Santos, Ministro da Educação, visitou as instalações da Escola C+S de Apúlia. Acompanharam-no o Governador Civil do Distrito, Dr. Fernando Alberto Ribeiro da Silva o Director Regional da Educação do Norte, Dr. Adalmiro Castro.

A comitiva ministerial chegou às instalações desta escola pelas 12:30 horas, onde era aguardada pelo Presidente da Câmara Municipal de Esposende, inspectora Dr. A. Maria Henrique Mota, Comissão Instaladora, Junta de Freguesia, Corpo docente e auxiliar da Escola visitada, professores das Escolas da Vila, respectivo pároco e muitas outras individualidades.

Depois da benção do edifício pelo Rev.mo Monsenhor Batista de Sousa, em representação do Arcebispo Primaz da Diocese de Braga, na Biblioteca, teve lugar uma sessão solene. O dr. Agostinho Teixeira, Presidente da Comissão Instaladora, interveio para as palavras de boas-vindas, realçando, num improviso, as necessidades urgentes da Escola com destaque para a Biblioteca sem livros (os armários vazios denunciaram-no), para o Pavilhão Desportivo que urge erguer-se e para a instabilidade do quadro de pessoal, quer docente quer auxiliar. Seguiu-se o Presidente da Câmara, Alberto Figueiredo, que pediu a intervenção Ministerial na questão do pavilhão, lembrando a figura do Eng. Oliveira Martins



a quem se deve a construção das instalações escolares agora visitadas. Encerrou o Eng. Couto dos Santos que justificou a sua vinda à Apúlia pelo facto de ser cidadão do concelho de Esposende («Em 101 dias de mandato é a 2.ª vez que saio do Ministério» – afirmou) e, respondendo aos oradores que o antecederam, com menção especial para o Presidente da Comissão Instaladora, prometeu resolver a questão da Biblioteca, nem que para isso tenha de recorrer a um subsídio. Quanto ao pavilhão o problema é diferente, porque a política Ministerial, aponta para o aproveitamento de instalações

idênticas situadas em locais, próximos da escola. Porém, como não é o caso de Apúlia, em comentário bem humorado concluiu «estou tramado». Referiu-se ao papel da escola na comunidade e aos projectos que se desenvolvem no sentido de estabilizar o quadro de pessoal, terminando por pedir aos professores e responsáveis «facam desta escola um lar».

Após uma visita às exposições patentes nalgumas salas do edifício escolar, o Ministro e cerca de um centena de convidados almoçaram na cantina da escola que, para o efeito, preparou uma refeição muito agradável, de modo a merecer o encómio de todos os convivas.

Escola C+S de Apúlia

A Escola C+S de Apúlia funciona num belo edifício situado a pouco mais de meia centena de metros da entrada nascente da vila para quem circula na EN 13.

Trata-se de uma construção nova, concluída em 1991, com apenas um corpo que engloba três módulos de serviço: Um destinado ao sector administrativo (sala de Professores, Gabinete do Conselho Directivo, Reprografia, Acção Social Escolar, Secretaria, Gabinete de Comuni-

cações – PBX – e Gabinete Médico), outro – O Bloco Lectivo – onde se encontram as salas de aulas, num total de 24, com características específicas de acordo com as disciplinas leccionadas. Neste mesmo bloco se incluem salas de seminário destinadas a reuniões de professores; no terceiro módulo inclui-se o refeitório, com cozinha, despensa e sala de pessoal e ainda o bufete, papelaria, vestiário e sala de alunos. Estes três módulos encontram-se ligados por um amplo corredor interno, abrindo-se para o exterior através de 5 entradas, todas elas voltadas ora a nascente ora a poente. Separam

estes módulos largas portas envidraçadas, que evitam as correntes de ar e a interferência dos rúdos próprios de cada sector.

A Escola dispõe, ainda, de um amplo parque exterior, destinado a actividade desportiva dos alunos e a logradouro, com um balneário coberto e equipado convenientemente. Neste espaço se incluem três campos para a prática de basquetebol, que se transformam numa superfície única para a prática do andebol, com balizas móveis. Circundam o campo três pistas de atletismo e num dos extremos situa-se a caixa de saltos e outro equipamento fixo destinado a exercícios de ginástica.

A entrada no parque escolar pode fazer-se pelo portão sul (acesso habitual) ou pelo portão nascente, este destinado a serviço de fornecedores da cantina, bufete e papelaria. Já no exterior ultima-se um amplo local de estacionamento para viaturas. Impressionou-nos muito favoravelmente a cozinha e o refeitório, que dispõem de um completo equipamento, que, na opinião de especialistas, muitos hotéis e restaurantes de primeira gostariam de ter ao seu serviço. Aqui se confeccionam as refeições (uma média de 150 por dia) destinadas aos alunos, professores e funcionários. Ultimamente este serviço alargou-se aos alunos do P3. A qualidade das refeições servidas é muito boa, como pudemos constatar



O Dr. Agostinho Teixeira nas palavras de saudação ao Ministro Couto dos Santos.

local e pessoalmente, comunicando desta opinião os habituais utentes do refeitório.

Refira-se, também, que a Escola dispõe de uma sala ampla destinada a Biblioteca, com um espaço independente para outras finalidades (sala de tv e vídeo, informática...) a aguardar os componentes adequados ao seu objectivo. Para já encontra-se equipada com tv e vídeo.

A Escola C+S de Apúlia ini-

ciou a sua actividade lectiva em finais de Setembro de 91. Nomeada a Comissão Instaladora, constituída pelos Drs. Agostinho Pinto Teixeira, Fernando Campos e Jaime Araújo e pelo Chefe dos Serviços Administrativos Manuel Hipólito Torres.

Matricularam-se poucos mais de 300 alunos nos 5.º e 6.º anos do



Exposição no átrio da entrada. A escola quer um mini-museu etnográfico

2.º ciclo (Ensino Preparatório) e 7.º e 8.º anos do 3.º ciclo (Ensino Secundário), repartidos por 13 turmas. Trinta e um professores constituem o corpo docente, na sua maioria pertencentes ao quadro de nomeação provisória. Os restantes encontram-se na situação de destacados. O corpo auxiliar é composto por 20 elementos, sendo 7 destacados de outros estabelecimentos de ensino e 13 contratados a termo certo.

Falando com o Presidente da

muito acolhedora e ampla, necessita de livros que satisfaçam a curiosidade dos alunos, o interesse pela pesquisa e a simples leitura de lazer. Os poucos títulos de que dispõe são didáticos e constituem oferta de alguns editores. Por gentileza da Academia de Marinha – e por intervenção directa do Sr. Director da estação Radionaval de Apúlia, capitão de Fraga Pinto Bastos o património da biblioteca foi enriquecido com alguns livros muito interessantes. Alguns mini-dicionários

foram adquiridos pela escola, tendo a Câmara Municipal de Esposende ofertado também alguns livros.

O Dr. Agostinho Teixeira referiu, ainda, ser necessário a construção de uma mini-estufa para leccionação prática da disciplina de hortofloricultura e criação de animais disciplina esta que integra o «Curriculum» dos 7.º e 8.º anos com a área de trabalhos oficinais. Se estas são as carências de carácter urgente, outras há de importância menor, mas que contribuirão para melhorar o envolvimento de toda a área. Destaque-se, a título de exemplo, o ajardinamento das placas circundantes internas e de separação dos espaços descobertos.

Saliente-se o carinho que a população já dedica a esta sua escola, consubstanciado em generosas ofertas quer de equipamento quer de embelezamentos internos.

Na Semana Cultural a participação dos encarregados de educação foi excelente, com referência especial para a Feira Franca realizada na manhã do dia 27 de Junho, da qual resultou um «ganho» para comprar livros que preencherão em parte o vazio da biblioteca.

É opinião unânime entre professores e funcionários que a escola reúne boas condições, com um óptimo ambiente de trabalho, que serviram para se estabelecer laços de camaradagem muito fortes.

O Desporto em Apúlia

Apúlia terra de sargaceiros. Apúlia terra de pescadores. Apúlia terra de trabalho. Laboreando no seu dia a dia, os apulienses aproveitam os seus tempos de lazer ora escutando, o murmúrio do mar, ora observando o bulfício dos milhares de forasteiros que demanda a sua praia no tempo de férias ou ainda, aproveitando a pacatez dos meses de inverno, indo ao campo dos sargaceiros ver jogar o seu Grupo Desportivo.

Sim, em Apúlia também se pratica desporto. E, o seu clube mais representativo é o Grupo Desportivo de Apúlia.

Para nos falar um pouco da vida desta colectividade desportiva fomos procurar a pessoa mais indicada para o efeito no caso, o actual Presidente da Direcção, Sr. Manuel Devesa, a quem pusemos algumas questões.

F.E. – Sr. Manuel Devesa, sabemos que foi recentemente eleito para Presidente do G.D. de Apúlia, depois de na época 91/92 ter sido o Presidente da Assembleia Geral. Quer aproveitar a oportunidade para tornar público o nome dos elementos dos cargos mais importantes da colectividade?

M.D. – Embora, não me lembrando, no momento, do nome de todos os meus colegas da Direcção, vou enumerar alguns pedindo desculpa aos não men-

cionados pela omissão involuntária

Direcção:

Presidente: Manuel Correia Gomes Devesa

Vice-Presidente: José Manuel Miranda Vale

Secretário: Fernando Ribeiro Casais

Tesoureiro – Edgar Devesa Moreira

Seguem-se mais três vogais.

Assembleia Geral

Presidente: P. Manuel Casado Neiva

Conselho Fiscal:

Presidente: Zacarias Vilas Boas Torres

F.E. Qual é o património do clube e o seu estado de conservação?

M.D. – O Grupo Desportivo de Apúlia possui um bem arranjado e funcional campo de jogos, com boa iluminação e razoáveis instalações.

F.E. Onde reúnem os corpos sociais do Clube e onde funcionam os serviços administrativos?

M.D. – O G.D. de Apúlia não tem sede própria, mas por gentileza da Junta de freguesia, dispõe gratuitamente de um sala no edifício da sede da referida autarquia.

F.E. Sendo Apúlia uma Vila com cerca de 4000 habitantes, quantos são os associados do Clube e quanto pa-

gam mensalmente?

M. D. – O G.D. da Apúlia possui um reduzido número de sócios tendo em conta, exactamente o número de habitantes da Vila. Estarão inscritos cerca de 230 associados dos quais só à volta de centena e meia pagaram as suas quotas cujo valor é simbólico: 200\$000 por mês.

F.E. – Face a esses números como é possível satisfazer os compromissos que uma equipa de futebol na I divisão distrital acarreta?

M.D. – Bem, posso dizer que a Direcção cessante não apresentou saldo negativo, pelo contrário, e suportou um orçamento que rondou os 6.400 contos. Para fazer face às despesas muito contribuíram a Câmara Municipal com o seu subsídio anual e depois os alguns bons amigos do Clube com os seus donativos, e o incansável trabalho do dinâmico Presidente Joaquim Figueiredo e dos membros da Direcção que o ajudaram.

F.E. – Qual a data da fundação do G.D. Apúlia?

M.D. – O Grupo Desportivo de Apúlia foi fundado em 01/03/1968.

F. E. – Para a próxima época, naturalmente que já deve ter encetado negociações para constituir o plantel e o corpo técnico. Pode adiantar-nos algum dado concreto acerca

deste assunto?

M.D. – Bem, neste momento posso apenas, adiantar que 80% do plantel está já contratado, mas não posso revelar nomes. Já mesmo muito, adianto que estamos em negociações com dois técnicos e dentro de três dias um deles será contratado. São dois treinadores bem conceituados.

F.E. – Qual o orçamento previsto para a época 92/93?

M.D. – Para fazer face aos encargos com a equipa de futebol, senior, prevejo cerca de 7.000 contos. Todavia, porque temos um carinho pelo futebol juvenil, na próxima com três equipas, coordenadas pelo secretário da Assembleia Geral José Agostinho Silva, cujo trabalho realizado na época passada foi altamente positivo, e, como dizia, para as camadas jovens estamos a prever dispendir entre 1.500 a 2.000 contos.

F.E. – Quais os objectivos que pretende alcançar na próxima época?

M.D. – Manter a equipa na I divisão distrital, e classificá-la entre o 2º e 4º lugar. Não sonhamos com o 1º lugar porque estamos conscientes da realidade e da responsabilidade que esse lugar acarreta.

Desejamos igualmente fazer um bom campeonato com as ca-

madãs jovens, procurando que dignifiquem o nome de Apúlia e do Grupo Desportivo.

Finalmente queremos fazer algumas obras de remodelação no campo, construindo novos espaços para o futebol juvenil e uma sala de reuniões para a Direcção e serviço de recepção aos nossos visitantes.

F.E. – Para essas Obras onde prevê arranjar os meios financeiros?

M.D. – É claro que iremos solicitar uma ajuda à Câmara Municipal. Além disso contamos com a generosidade dos nossos amigos e colaboradores e com o espírito de sacrifício dos elementos da Direcção para o árduo, trabalho de angariação de fundos.

F.E. – Para terminar que mensagem gostaria de deixar aos associados e simpatizantes do G.D. de Apúlia?

M.D. – Já que me permite, então faria um apelo, aos apulienses e amigos de Apúlia e do seu Clube, residentes ou não, para que todos, os que já colaboraram e os que ainda não o ajudaram a fazer, sempre unidos e pelo engrandecimento desta Vila façamos mais um sacrifício e ajudemos, com o nosso trabalho e com as nossas ofertas, o Grupo Desportivo de Apúlia a ser cada vez maior em dignidade desportiva, levando bem longe o nome da nossa terra.

Columbofilia

Na Casa do Povo de Apúlia, a dois passos da nova sede da Junta de Freguesia, para além do espaço onde o Grupo dos Sargaceiros ensaia as suas danças e cantares, a Secção Columbofílica da Casa do Povo de Apúlia, fundada em 1977, tem também o seu espaço sede em sala de fundos. Esta secção, inscrita na Associação de Colum-

bofilia do Distrito de Braga, tem 21 columbofílicos a correr que participam todos os anos no dia da Associação do Distrito e em 5 provas de fundo.

Ao passarmos, surpreendemos o Sr. Emílio Veloso, presidente da Secção, em trabalho de arrumo de correspondência que nos facultou os últimos resultados conseguidos:

Em tarifa II – 1991

Adelino Ribeiro Faria 4º

Inácio Ciano Fernandes 26º

José Faria Maciel 29º

Inácio Ciano Fernandes 104º

Isto entre mais de 14.000 pombos a correr.

Em relação à secção, em 1992 a classificação é a seguinte:



1º Américo Sousa Pedrosa

2º Irmãos Silvas

3º Adelino Alves Barros

4º Manuel Otilio Eiras Fernandes

5º Adelino Ribeiro Faria

POLÉMICA

Espaço fronteiro à praia.

A Junta de Freguesia quer zona de lazer com árvores e jardins e espaço para estacionamento de alguns carros, isto é, quer uma Vila mais bonita; a Câmara de Esposende, na perspectiva da arquitectura paisagista, pretende que o espaço seja totalmente aproveitado para parque de estacionamento de veículos automóveis que, em fins de semana e na época balnear, só



podem entrar, circular e sair ou, então, engarrafar.

A questão é polémica.

Veremos quem ganha tanto que não seja a Vila de Apúlia a perder.

Apúlia: Itinerário Histórico

Cont. da 1ª pág.

senhor doa à Sé de Braga metade de S. Miguel de Paredes. Curiosamente a igreja fundada neste lugar já possuía o padroeiro de agora. Temos assim a actual Apúlia reconstituída pelas vilas mediélicas de Sabariz e Paredes. Este testamento de doação é confirmado 21 anos mais tarde, pelos herdeiros da Froila Crescones.

Os inícios do século XII (1102) continuam marcados pelas doações à Sé de Braga.

Segundo os documentos conhecidos, D. Afonso Henriques, 1140, coutou estas terras a D. Ordonho, quarto abade da abadia de Tibães e os seus religiosos. Chamava-se Couto de Pulha do qual ainda possuímos o livro de registo das provisões régias. Este é o primeiro marco da história da Apúlia – de terra a esmo, passa à categoria de Couto.

Os produtos aqui colhidos eram transportados até à margem, do Cávado e daí, rio acima, abasteciam os cónegos da Sé de Braga.

Em 1188, sendo senhores do Couto de Apúlia os cónegos da Sé Primacial de Braga, são divididas as suas rendas e mesmo as suas terras.

Os quinhoeiros eram o cabido e o arcebispo D. Godinho. Estávamos numa época em que o rei sentia nitidamente a fuga de terras para as mãos de senhores feudais e os seus impostos saíam diminuídos.

Olhamos a planície, a nascente, e vemos que dos Castelos de Faria saíam algumas pessoas. Uns traziam armas mas outros carregavam pequenos rolos de pergaminho. São ordens de D. Afonso II que naquele ano de 1220 mandou inquirir os moradores de Apúlia. Então, como agora, urgia rever e conhecer o quantitativo dos impostos. Os inquiridores, após conversa com o abade e com os homens-bons da freguesia chegam à conclusão de que estas

terras nada tinham a ver com o rei. Eram coutadas e pertenciam a outros senhores. Nesse mesmo inquérito, ficou revistada a importância da actividade de apanha do sargaço e surgem alguns queixumes.

A correria para o sargaço era desenfreada o que levou, em 1250, o arcebispo de Braga D. João Egas a proibir os de Fonte Boa de passar nas suas propriedades em direcção ao mar.

O véu da história apuliana continua a ser suavemente levantado.

Os séculos XIV e XV mostram-se apagados mas de certeza que do mesmo modo que a vizinha terra Figueira sente a crise de finais do século XIV obrigando D. João I a repovoar esta zona, concedendo para isso isenções a quem para lá fosse morar, estamos convencidos de que em Apúlia não se parou. Por concordância histórica operaram-se movimentos de unificação das «villas», movimento esse que caracterizou os primeiros anos do século XVI.

Como terá o cronista registado, por volta de 1500, a passagem de D. Manuel por esta terra? Dirigia-se este monarca, em peregrinação para Compostela e atravessou, possivelmente, na passagem de Fão.

Como se terão comportado os 19 vizinhos do Couto de Apúlia recenseados em 1524, ao verem em suas terras tão importante figura?

Toda a vida do Couto exigia uma fiel governação. Assim, em 1520 D. Diogo de Sousa nomeia um tabelião para este Couto a fim de tratar dos seus interesses.

Entramos na última metade do século XVI e grandes acontecimentos se deram em terras da vizinhança. O jovem, monarca D. Sebastião em 1572, concede o privilégio de vila a Esposende e dá-lhe um termo. Apúlia fica fora dele pois nenhuma terra a sul do Cávado foi anexa.

Os anos que se seguem são difíceis

e os seus moradores vêm-se arruinados. Em 1586 as areias cobrem a quase totalidade das suas terras e, entristecidos, pedem protecção régia.

A história de Apúlia não se esgota. Nos séculos XVII e XVIII abunda a documentação sobretudo ligada à extracção de areia e dragação. São tomadas medidas, por parte da Igreja, contra a participação das mulheres nesta actividade.

Arquitectonicamente, a Apúlia enriquece-se e constrói, nos anos 600 e 700 algumas das suas capelas. As visitas pastorais sucedem-se e os capítulos das visitas registam importantes lamentos sobre a vida social e económica desta localidade.

Em 1686 todo o sargaço recolhido nos domingos e dias santos era vendido e o produto era aplicado nas despesas da Igreja. Em 1720, D. Rodrigo de Moura Telles Liberali autoriza, após ouvir missa, a apanha desta alga nos dias santificados.

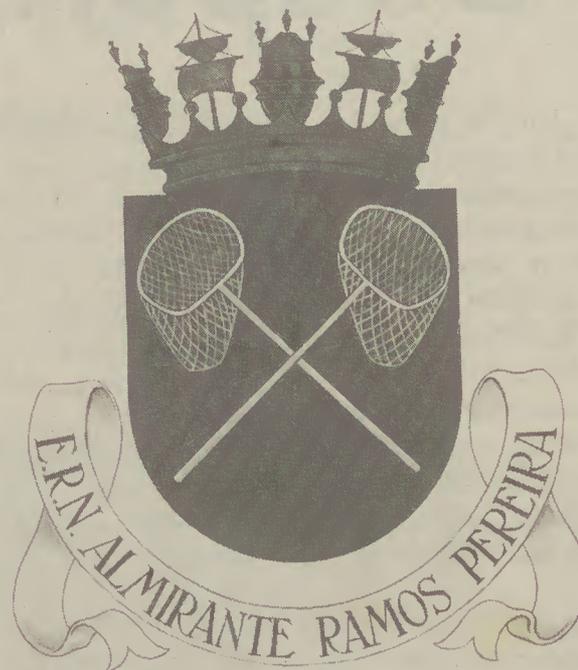
Transformações no século XIX

No século XIX dão-se grandes reformas administrativas e em 1845 já Apúlia pertencia ao concelho de Esposende. No ano de 1845 a vida alegre e laboriosa dos sargaceiros de Apúlia é interrompida por gritos de fogo. Na noite de 15 para 16 de Setembro as sete barracas existentes na praia que guardavam barcos, roupas e aprestos, foram covardemente incendiadas. Algumas famílias ficaram na miséria.

Apúlia perde, então, a sua autonomia administrativa. Os vestígios da antiga governança apagaram-se com a demolição, em Outubro de 1852, da casa da Cadeia e da Câmara do Couto de Apúlia.

Dr. Manuel Albino
Penteado Neiva
In Esposende –
«Páginas de memórias»

MARINHA



Antecedentes

A Estação Radionaval «Almirante Ramos Pereira» localiza-se em Apúlia, Esposende (central receptora) e A-Ver-O-Mar, Póvoa de Varzim (central transmissora).

Presume-se ter sido o decreto lei n.º 35 126, de 13 de Outubro de 1945, o primeiro documento sobre a Estação o qual adjudicava a sua construção iniciada a 29 de Março de 1946.

Em 21 de Janeiro de 1950, a Estação era inaugurada, e não sendo conhecidas outras disposições legais sobre a matéria admite-se ter sido o seu primeiro nome «Estação Radiogonométrica e Aeronaval da Apúlia» criada pela então Direcção do Serviço de Electricidade e Comunicações com o aval do Ministro da Marinha.

A portaria n.º 16 573, de 5 de Fevereiro de 1958, muda a sua denominação para «Estação Radionaval da Apúlia», sendo posteriormente alterada para «Estação Radionaval Almirante Ramos Pereira» pela portaria n.º 601/76, de 14 de Outubro.

Missão

A Estação apoia o serviço móvel marítimo até uma distância de 500 milhas da costa, através da execução das seguintes tarefas:

- Relativas à salvaguarda da vida humana no mar:
 - Escuta permanente das frequências internacionais de socorro, difusão de avisos à navegação e boletins meteorológicos;

- De âmbito exclusivamente militar:

- Exploração de circuitos relativos às missões da Marinha de Guerra Portuguesa.

Simbologia heráldica

Concedido por despacho de 16 de Setembro de 1985, do Chefe do Estado-Maior da Armada o seguinte:

Brasão de armas

De azul, semeado de raios de ouro, com duas redes de apanha de sargaço e respectivos cabos em aspa, de prata. Coronel naval de ouro, forrado de vermelho. Sotoposto listel de prata com a seguinte legenda em letras maiúsculas negras tipo elzevir «E. R. N. ALMIRANTE RAMOS PEREIRA».

NOVOS CAMINHOS OUTROS HORIZONTES



Em evolução permanente, os materiais sintéticos têm contribuído com um papel de relevo no mundo moderno. O seu desenvolvimento permitiu ultrapassar as necessidades diárias das grandes populações quanto ao conforto e à higiene.

Pioneira, em Portugal, no fabrico de polímeros termoplásticos, a CIRES utiliza a mais alta tecnologia japonesa para garantir a qualidade no fabrico de resinas de PVC.

A CIRES também responde às preocupações ambientais, colaborando activamente com entidades e instituições do sector.

No Limiar do Séc. XXI a CIRES acompanha as mudanças no mundo trilhando novos caminhos.



CIRES, S. A.
ESTARREJA - PORTUGAL

NOTARIADO PORTUGUÊS CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPOSENDE

CERTIFICO, narrativamente e para efeitos de publicação que por escritura de vinte e três de Junho, exarada a folhas quinze, verso, do livro de Escrituras Diversas número cinquenta e cinco - C, deste Cartório, AMÉRICO FERNANDES SANTIL e mulher JÚLIA GOMES FERREIRA JÚNIOR, casados sob o regime da comunhão geral, ele natural da freguesia de Fonteboa, deste concelho e ela da freguesia de Moure, do concelho de Barcelos e residentes na referida de Fonteboa, no lugar da Agra, declararam, que são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, dos seguintes prédios:

PRÉDIOS SITUADOS NA MENCIONADA FREGUESIA DE FONTE BOA

Número um: - Prédio rústico composto de **Eucaliptal e Mato**, sito em Trelagoa, com área de quatrocentos e oitenta metros quadrados, a confrontar do norte com Joaquim de Azevedo Carreira do sul com Manuel do Vale Azevedo, do nascente com José F. Belinho da Cruz Júnior e do poente com caminho, inscrito na matriz respectiva, sob o artigo 233, com o valor patrimonial que também lhe atribuem de **mil duzentos e vinte e oito escudos**.

Número dois: - Prédio rústico composto de **Cultura de Aluvião**, sito em Veiga Cova, com a área de quinhentos e oitenta metros quadrados, a confrontar do norte com Alexandrino Alves Félix, do sul com caminho, do nascente com Joaquim Eiras de Azevedo e outro e do poente com Dionísio Gomes da Vinha, inscrito na matriz respectiva sob o artigo 285, com o valor patrimonial que também lhe atribuem de **quatro mil setecentos e vinte e dois escudos**.

Número três: - Prédio rústico composto de **Pinhal**, sito em Caveiros, com a área de duzentos e trinta metros quadrados, a confrontar do norte com Daniel Campos Paturro, do sul com Manuel Gonçalves Herdeiro, do nascente com Artur Gomes Fernandes e do poente com Abel Félix Neves, inscrito na matriz respectiva sob o artigo 177, com o valor patrimonial que também lhe atribuem de quinhentos e vinte escudos.

Número quatro: Prédio rústico composto de **Eucaliptal**, sito em Cova da Lagoa, com a área de duzentos e trinta metros quadrados; a confrontar do norte com caminho, do Sul com Laudelino Vassalo da Costa, do nascente com Manuel Teodósio Gonçalves e do poente com Dionísio Gomes da Vinha, inscrito na matriz respectiva sob o artigo 97, com o valor patrimonial que também lhe atribuem de **quinhentos e oitenta e três escudos**.

Número cinco: - Prédio rústico composto de **Cultura com Videiras em Ramada**, sito em Freixieiro, com a área de mil quatrocentos metros quadrados, a confrontar do norte e nascente com José Santil Vendeiro, do sul com caminho e do poente com Marcos de Sá Escrivães e outro, inscrito na matriz respectiva sob o artigo 961, com o valor patrimonial que também lhe atribuem de **catorze mil trezentos e noventa e quatro escudos**.

Número seis: - Prédio rústico composto de **Videiras em Ramada**, sito em Salteia, com a área de duzentos e oitenta metros quadrados, a confrontar do norte com António Fernandes Carreira, do sul com Emídio da Cruz Torres, do nascente com Palmira Gonçalves Barbosa e do

poente com Alexandrino Alves Félix, incrito na matriz respectiva sob o artigo 2010, com o valor patrimonial que também lhe atribuem de **seis mil novecentos e vinte e sete escudos**.

Número sete: - Prédio rústico composto de **Cultura**, com a área de novecentos metros quadrados, sito na Agra, a confrontar do norte com Manuel Ferreira Santil, do sul com Joaquim Martins Rei, do nascente com caminho e do poente com Joaquim Martins Rei, caminho e outro, inscrito na matriz respectiva sob o artigo 2627, com o valor patrimonial que também lhe atribuem de **mil e oitenta e dois escudos**.

Número oito: - Prédio rústico composto de **Cultura com Videiras em Ramada**, sito em Merouço, com a área de setecentos e cinquenta metros quadrados, a confrontar do norte com Alice Gomes Vasquinho, do sul com Manuel Alves Félix, do nascente com Joaquim Gomes Carreirinha e outro e do poente com Manuel Fernandes Vidal, inscrito na matriz respectiva sob o artigo 2783, com o valor patrimonial que também lhe atribuem de **cinco mil setecentos e quarenta e um escudos**.

Número nove: - Prédio rústico composto de **Cultura com Videiras em Ramada**, sito em Queimado, com a área de quatrocentos e vinte metros quadrados, a confrontar do norte e nascente com Ezequiel Campos Paturro, do sul com Manuel da Cruz Pontes e do poente com caminho, inscrito na matriz respectiva sob o artigo 3037, com o valor patrimonial que também lhe atribuem de **dois mil e trinta e nove escudos**.

Número dez: - Prédio rústico composto de **Pastagem**, sito em Granja, com a área de trezentos metros quadrado, a confrontar do norte com Adelino da Cruz Pontes, do sul com caminho, do nascente com Manuel Neves Fernandes Escrivães e do poente com José F. Belinho Cruz Gomes, inscrito na matriz respectiva sob o artigo 1821, com o valor patrimonial que também lhe atribuem de **cento e oitenta e oito escudos**.

Número onze: - Prédio rústico composto de **Cultura**, sito em Amial de Requeixo, com a área de quatrocentos e vinte metros quadrados, a confrontar do norte com Manuel Lopes de Miranda Júnior, do sul com André Gonçalves Vasco, do nascente com Ramiro Arantes da Fonte e do poente com Manuel do Vale Costa, inscrito na matriz respectiva sob o artigo 3151, com o valor patrimonial que também lhe atribuem de mil oitocentos e trinta e um escudos.

PRÉDIOS SITUADOS NA FREGUESIA DE BARQUEIROS,

DO CONCELHO DE BARCELOS
Número doze: - Prédio rústico composto de **Pinhal e Mato**, no sítio de Poços, com a área de quinhentos e sessenta metros quadrados, a confrontar do norte com António Faria Vasco, do Sul com Belmiro Costa Félix, do nascente com Alice Gomes Vasquinho e outro e do poente com caminho, inscrito na matriz respectiva sob o artigo 843, com o valor patrimonial que também lhe atribuem de **seiscentos e noventa e quatro escudos**.

Número treze: - Prédio rústico composto de **Pinhal e Mato**, sito em Poços, com a área de mil trezentos e cinquenta metros quadrados, a confrontar do norte com Joaquim Fernandes Santil, do sul com Joaquim Silva Lavandeiras, do nascente e poente com caminho, inscrito na matriz respectiva sob o artigo 873, com o valor patrimonial que também lhe atribuem de **mil novecentos e cinquenta e um escudos**.

Que, sempre estiveram e se têm mantido na posse e fruição dos mesmos prédios relacionados sob os números um a treze há mais de vinte anos, cultivando-os, colhendo os frutos, administrando-os com ânimo de quem exercita direito próprio, fazendo de boa fé, por ignorarem lesar direito alheio, pacificamente, porque sem violência, continua e publicamente, com conhecimento de toda a gente, sem interrupção ou oposição de quem quer que seja.

Que, dadas as enunciadas características de tal posse adquiriram os identificados prédios por usucapião, não dispondo, todavia, dado modo de aquisição de documento ou título formal que lhe facilite a prova do seu direito, base do registo que pretendem fazer a seu favor.

E para suprir a falta de título prestam estas declarações para efeitos de primeira inscrição no Registo Predial.

Vai conforme o original.

Cartório Notarial de Esposende aos vinte e três de Junho de mil novecentos e noventa e dois.

A NOTÁRIA, A. Ilegível

CONTA: Registada sob o n.º 2451



CONSERVATÓRIA DOS REGISTOS CIVIL, PREDIAL E COMERCIAL DE ESPOSENDE

«S.I.S.C.A. - SOCIEDADE DE INVESTIMENTOS, SERVIÇOS E CONTABILIDADE DE APÚLIA, LDA»

«Conservatória do Registo Comercial de ESPOSENDE

N.º de matrícula 00475 N.º de identificação de pessoa colectiva 502 681 985

N.º de inscrição N.º 2 N.º e data da apresentação 23 - 92/05/27»

MARIA DO CÉU NEIVA PORTELA, Conservadora Destacada, CERTIFICA, que foi alterado o contrato da sociedade em epígrafe, quanto ao Artigo Primeiro-Um e Artigo 2º, os quais ficaram com a seguinte redacção:

ARTIGO 1º

UM) A sociedade adopta a firma «S.I.S.C.A. - Sociedade de Investimentos, Serviços e Contabilidade de Apúlia, Lda», e tem a sua sede na Avenida da Praia, número noventa e um, Apúlia, Esposende.

ARTIGO 2º

A sociedade tem por objecto, arrendamento e administração de imóveis; serviços de contabilidade, verificação de contas e escrituração comercial; agência de contribuintes e revenda de valores selados e impressos, agência de seguros, agência de viagens e turismo; aluguer de artigos para recreio; serviços de publicidade; venda de lotarias e registos de apostas mútuas; aluguer de salas de bailes e diversões; organização de festas, baptizados, casamentos, aniversários e espectáculos.

O texto completo do contrato na sua redacção actualizada ficou depositado na pasta respectiva.

CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE ESPOSENDE, aos 13 de Junho de 1992.

A CONSERVADORA DESTACADA, - a) Maria do Céu Neiva Portela

CONSERVATÓRIA DOS REGISTOS CIVIL, PREDIAL E COMERCIAL DE ESPOSENDE

«CATARINO, TOMÉ & HIPÓLITO, LIMITADA»

«Conservatória do Registo Comercial de ESPOSENDE

N.º de matrícula 00235 N.º de identificação de pessoa colectiva 501 555 730

N.º de inscrição N.º 4 N.º e data da apresentação 06 - 92/05/29.»

MARIA DO CÉU NEIVA PORTELA, Conservadora Destacada, CERTIFICA, que foi alterado o contrato da sociedade em epígrafe, quanto aos artigos 1º e 3º, os quais ficaram com a seguinte redacção:

ARTIGO 1º

A sociedade adopta a firma «CATARINO, TOMÉ & HIPÓLITO, LIMITADA», tem a sua sede na Rua da Fonte da Senhora, número treze, da freguesia de Apúlia, concelho de Esposende.

ARTIGO 3º

O capital social, integralmente realizado em dinheiro é de seiscentos mil escudos, e corresponde à soma de duas quotas iguais de trezentos mil escudos, pertencendo uma a cada um dos sócios ADELINO HIPÓLITO DA SILVA e JOAQUIM RODRIGUES TOMÉ.

O texto completo do contrato, na sua redacção actualizada, ficou depositado na pasta respectiva.

CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE ESPOSENDE, aos 19 de Junho de 1992.

A CONSERVADORA DESTACADA, - a) Maria do Céu Neiva Portela



CONSERVATÓRIA DOS REGISTOS CIVIL, PREDIAL E COMERCIAL DE ESPOSENDE

«CATARINO, TOMÉ & HIPÓLITO, LIMITADA»

«Conservatória do Registo Comercial de ESPOSENDE

N.º de matrícula 00235 N.º de identificação de pessoa colectiva 501 555 730

N.º de inscrição N.º 1. AV. 1 N.º e data da apresentação 04 - 92/05/29»

MARIA DO CÉU NEIVA PORTELA, Conservadora Destacada, CERTIFICA, que foi depositada a fotocópia da escritura donde consta a renúncia à gerência pelo ex-sócio gerente MANUEL DO MONTE CATARINO.

CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE ESPOSENDE, aos 17 de Junho de 1992.

A CONSERVADORA DESTACADA, - a) Maria do Céu Neiva Portela

«Conservatória do Registo Comercial de ESPOSENDE

N.º de matrícula 00235 N.º de identificação de pessoa colectiva 501 555 730

N.º de inscrição N.º 3 N.º e data da apresentação 05 - 92/05/29»

CERTIFICA, ainda que foi depositada a fotocópia da escritura donde consta autorização prestada pelo ex-sócio gerente MANUEL DO MONTE CATARINO para que da firma em epígrafe continue a constar o apelido «CATARINO».

CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE ESPOSENDE, aos 17 de Junho de 1992.

A CONSERVADORA DESTACADA, - a) Maria do Céu Neiva Portela

Reuniu a Assembleia Municipal

Realizou-se no passado dia 29 de Junho, numa sessão ordinária da Assembleia Municipal de Esposende, tendo a ordem de trabalhos sido cumprida e todos os assuntos aprovados.

No período de antes da ordem do dia foram aprovados um voto de louvor ao Forjães Sport Clube pelo seu aniversário, e outro ao Futebol Clube de Marinhos pela subida à 3ª Divisão Nacional. Os assuntos agendados eram os seguintes:

- Plano de pormenor da zona da Lagoa, em Esposende - Estudo definitivo, alteração:
- Postura de trânsito e estacionamento nas vilas de Esposende, Fão e Apúlia - alteração para a vila de Apúlia:

- Remodelação do Edifício dos Paços do Município - Proposta para os projectos de engenharia e arquitectura - Ajuste directo com dispensa de consulta a três entidades:

- Clube Náutico de Esposende - Proposta para elaboração do projecto - Ajuste directo com dispensa de consulta a três entidades:

- Junta de freguesia de Palmeira de Faro - Toponímia:

- Aquisição de viaturas para o lixo - Ajuste directo com dispensa de consulta prévia a três entidades:

- Aquisição de máquinas limpa praias - Ajuste directo com dispensa de consulta prévia a três entidades:

- Projecto para a zona Ribeirinha de Esposende - Ajuste directo com dispensa de consulta prévia a três entidades.

Professores homenageados na hora da despedida

No passado dia 22 de Junho, realizou-se no Hotel Suave Mar, em Esposende, a festa de despedida dos professores: Maria Amélia Ferreira Rodrigues de Areia, Maria Ermelinda Ferreira Rodrigues de Areia, Maria Cristina Feio Mouteira Guerreiro, Isolina Fernandes Igreja, Maria Albertina Vieira Amândio, Fernando Marques Henriques.

Os professores da sede nº 1 de Esposende, que se encontram no activo e a exercer nesta Escola, quiseram homenagear aqueles que, por pedido de reforma deixaram de exercer aqui as suas funções.

Por na altura devida não ter sido

feita qualquer homenagem aos dois últimos, foram agora convidados a participar no almoço de despedida e receberam do corpo docente da escola (professores e axiliares de educação) a homenagem a que tinham direito.

Todos exerceram durante muitos anos a profissão de professor do 1º Ciclo do Ensino Básico sempre com o maior zelo e dignidade.

Foi uma festa de despedida bem merecida, pois por todos passaram muitas gerações de alunos, que certamente os recordarão com saudade e estima.



deville
o calor da vida

Representante oficial para o concelho de Esposende

CASA BRAGA, MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO, LDA.

Rua 1ª de Dezembro, 55

Telefs. { Estabelec. 961494 - Armaz. 961004
Escritório 964516

4740 ESPOSENDE

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPOSENDE CERTIFICADO

MARIA DA SAÚDE FERREIRA VELASCO DE SOUSA, Segunda Ajudante, deste Cartório:

CERTIFICO, narrativamente para efeitos de publicação, que neste cartório e no Livro de notas para «Escrituras Diversas», número cinquenta e cinco-B, de folhas trinta e dois verso a folhas trinta e três verso, se encontra uma Escritura de Justificação Notarial, com data de dois de Julho de mil novecentos e noventa e dois, na qual Adriano Fernando Bedulho dos Santos e mulher Maria Irene Pereira Merrelho, casados sob o regime da comunhão geral, naturais da freguesia de Belinho, deste concelho e nela residente no lugar de Sanfins, declararam:

Que são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, do seguinte prédio:

Prédio urbano composto de casa com dois pavimentos, destinada a habitação com logradouro, no lugar de Sanfins, freguesia de Belinho, concelho de Esposende, com a área

coberta de cento e vinte e sete metros quadrados e logradouro com duzentos e setenta e seis metros quadrados, a confrontar do norte com caminho Municipal, do sul com Lázaro Martins, do nascente com José Ribeiro dos Santos e do poente com Sebastião Fernandes Gomes, inscrito na matriz predial respectiva em nome do justificante marido sob o artigo 810, não descrito na Conservatória do Registo Predial, deste concelho, com o valor patrimonial de quatrocentos e quarenta e nove mil duzentos e oitenta escudos e o atribuído de QUINHENTOS MIL ESCUDOS.

Que, sempre estiveram e se têm mantido na posse e fruição do mesmo prédio, há mais de vinte anos, habitando-o, pagando impostos e administrando-o com ânimo de quem exercita direito próprio, fazendo-o de boa fé, por ignorarem lesar direito alheio, pacificamente, porque sem violência, continua e

publicamente, com conhecimento de toda a gente, sem interrupção ou oposição de quem quer que seja.

Que, dadas as enunciadas características de tal posse adquiriram o identificado prédio por usucapião, não dispondo, todavia, dado o modo de aquisição de documento ou título formal que lhes facilite a prova do seu direito, base do registo que retendem fazer a seu favor.

E para suprir a falta de título prestam estas declarações para efeitos de primeira inscrição no registo Predial.

Vai conforme o original.

Cartório Notarial de Esposende, aos dois de Julho de mil novecentos e noventa e dois.

A Ajudante,
(Maria da Saúde Ferreira Velasco de Sousa/2ª. Ajudante)

Conta registada sob o nº. 2631.

Jornal «O Farol de Esposende» nº 37 de 9/7/92

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPOSENDE CERTIFICADO

Maria da Saúde Ferreira Velasco de Sousa, Segunda Ajudante deste Cartório:

Certifico para efeitos de publicação, que neste Cartório e no livro de notas para «Escrituras Diversas», número cinquenta e cinco-B, de folhas vinte e nove, se encontra exarada uma escritura de Justificação Notarial, com data de um de Julho de mil novecentos e noventa e dois, na qual José Ribeiro dos Santos e mulher Maria de Lurdes Gonçalves Bedulho, casados sob o regime da comunhão geral, naturais da freguesia de Belinho, deste concelho e nela residentes no lugar de Sanfins, declararam:

Que, são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, do seguinte prédio:

Prédio rústico composto de cultura de regadio, no sitio de Trigo Maréu, freguesia de Belinho, concelho de Esposende, com a área de quinhentos e trinta metros quadrados, a confrontar do norte e nascente com caminho, do sul com Lázaro Martins e do poente com Adriano Fernando Bedulho dos Santos, inscrito na matriz predial respectiva em nome do justificante marido sob o artigo 2888, não descrito na Conservatória do Registo Predial, deste concelho, com o valor patrimonial de quatro mil trezentos e quarenta e oito escudos e o atribuído de CEM MIL ESCUDOS.

sende, com a área de quinhentos e trinta metros quadrados, a confrontar do norte e nascente com caminho, do sul com Lázaro Martins e do poente com Adriano Fernando Bedulho dos Santos, inscrito na matriz predial respectiva em nome do justificante marido sob o artigo 2888, não descrito na Conservatória do Registo Predial, deste concelho, com o valor patrimonial de quatro mil trezentos e quarenta e oito escudos e o atribuído de CEM MIL ESCUDOS.

Que, sempre estiveram e se têm mantido na posse e fruição do mesmo prédio, há mais de vinte anos, cultivando-o, colhendo os frutos, administrando-o com ânimo de quem exercita direito próprio, fazendo-o de boa fé, por ignorarem lesar direito alheio, pacificamente, porque sem violência, continua e publicamente, com conhecimento de

toda a gente, sem interrupção ou oposição de quem quer que seja.

Que, dadas as enunciadas características de tal posse, adquiriram o identificado prédio por usucapião, não dispondo, todavia, dado o modo de aquisição de documentos ou título formal que lhes facilite a prova do seu direito, base do registo que pretendem fazer a seu favor.

E para suprir a falta de título prestam estas declarações para efeitos de primeira inscrição no Registo Predial.

Vai conforme ao original.

Cartório Notarial de Esposende, aos um de Julho de mil novecentos e noventa e dois.

A Ajudante,
(Maria da Saúde Ferreira Velasco de Sousa/2ª. Ajud.)
Conta registada sob o nº.

2605

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPOSENDE

CERTIFICADO

Maria da Saúde Ferreira Velasco de Sousa, Segunda Ajudante, deste Cartório:

CERTIFICO narrativamente para efeitos de publicação, que neste Cartório e no livro de notas para «Escrituras Diversas», número cinquenta a cinco-C, de folhas trinta e cinco e folhas trinta e seis verso, se encontra exarada uma escritura de Justificação Notarial, com data de um de Julho de mil novecentos e noventa e dois, na qual Manuel Lima Gonçalves Moreira e mulher Prazeres Ferreira Fonseca, casados sob o regime da comunhão geral, naturais da freguesia de Apúlia, concelho de Esposende e nela residentes na Rua do Facho, declararam:

Que, são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrém, dos seguintes prédios situados na mencionada freguesia de Apúlia:

Número um— Prédio rústico composto de Horta, no sítio do Eirado, com a área de seiscentos e dez metros quadrados, a confrontar do norte — Rua do Facho, sul — casa do próprio, nascente, Manuel Eiras da Silva, e do poente — António Fernandes Ferreira, inscrito na matriz predial respectiva em nome do justificante marido sob o artigo 2845, não descrito na Conservatória do Registo Predial, deste concelho com, valor patrimonial de vinte e seis mil quinhentos e quarente e um escudos e atribuído de CEM MIL ESCU-

DOS.

Número dois: — Prédio urbano composto de casa com dois pavimentos destinada a habitação e logradouro, sítio na Rua do Facho, com a área coberta de cinquenta e seis metros quadrados e logradouro com trezentos e vinte e quatro metros quadrados, a confrontar do norte com Anibal da Fonseca, do sul com Palmira Ferreira da Fonseca, do nascente com caminho público e do poente com António de Jesus Ferreira, inscrito na matriz respectiva e nome da justificante mulher sob o artigo 818, não descrito na Conservatória do Registo Predial, deste concelho, com o valor patrimonial de treze mil novecentos e noventa e sete

escudos e o atribuído de CEM MIL ESCUDOS.

Que, sempre estiveram e se têm mantido na posse e fruição dos mesmos prédios, há mais de vinte anos, cultivando-os, colhendo os frutos, administrando-os, habitando o segundo, pagando impostos com ânimo de quem exercita direito próprio, fazendo-o de boa fé, por ignorarem lesar direito alheio, pacificamente, porque sem violência, continua e publicamente, com conhecimento de toda a gente, sem interrupção ou oposição de quem quer que seja.

Que, dadas as enunciadas características de tal posse, adquiriram os identificados prédios por usucapião não dispondo, todavia, dado o modo

de aquisição de documento ou título formal que lhes facilite a prova do seu direito, base do registo que pretendem fazer a seu favor.

E para suprir a falta de título prestam estas declarações para efeitos de primeira inscrição no Registo Predial.

Vai conforme ao original.

Cartório Notarial de Esposende, aos um de Julho de mil novecentos e noventa e dois.

A Ajudante,
(Maria da Saúde Ferreira Velasco de Sousa/2ª. Ajudante).

zCONTA:

Conta registada sob o nº. 2604

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPOSENDE

CERTIFICADO

Maria da Saúde Ferreira Velasco de Sousa, Segunda Ajudante, deste Cartório:

CERTIFICO narrativamente para efeitos de publicação, que neste Cartório e no livro de notas para «Escrituras Diversas», número cinquenta e cinco-C, de Folhas quarenta e quatro e seguintes, se encontra uma escritura de Justificação Notarial, com data de três de Julho de mil novecentos e noventa e dois, na qual António da Cruz Dias e mulher Ana Carvalho Penteadado, casados sob o regime da comunhão geral, naturais da freguesia de Marinhas, deste concelho e nela residentes no lugar de Goios, declararam:

Que, são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrém, de um prédio urbano que consta da Casa com dois pavimentos, destinada a habitação, com três dependências e um logradouro, no lugar de Goios, com a superfície coberta

de setenta e oito metros quadrados, logradouro com seiscentos e treze metros quadrados e dependências com sessenta e sete metros quadrados, a confrontar do norte, Estrada Municipal, do sul Manuel Carvalho Morera, do nascente Álvaro Laranjeira Pires Loureiro e outro e poente Maria Alice Carvalho Ferreira, não descrito na Conservatória do Registo Predial deste concelho e inscrito na matriz respectiva em nome do justificante marido sob o artigo 2688, com o valor patrimonial de UM MILHÃO E OITO MIL ESCUDOS, que também lhe atribuem.

Que sempre estiveram e se têm mantido na posse e fruição do mesmo prédio, há mais de vinte anos, habitando-o pagando impostos e administrando-o com ânimo de quem exercita direito próprio, fazendo de boa fé, por ignorarem lesar direito alheio, pacificamente, porque sem

violência, contínua e publicamente com conhecimento de toda a gente, sem interrupção ou oposição de quem quer que seja.

Que, dadas as enunciadas características de tal posse, adquiriram o identificado prédio por usucapião, não dispondo todavia, dado o modo de aquisição de documento ou título formal que lhes facilite a prova do seu direito, base de registo que pretendem fazer a seu favor.

E para suprir a falta de título restam estas declarações para efeitos de primeira inscrição no registo predial.

Vai conforme o original.

Cartório Notarial de Esposende, aos três de Julho de mil novecentos e noventa e dois.

A Ajudante,
(Maria da Saúde Ferreira Velasco de Sousa)

CONTA:

Registada sob o nº. 2681



CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE

AVISO

ALBERTO QUEIROGA FIGUEIREDO, Presidente da Câmara Municipal de Esposende:

Toma público que se encontram abertas, pelo prazo de 15 dias, contados da data da publicação deste aviso, inscrições para admissão de um indivíduo para exercer funções inerentes à categoria de PORTEIRO, em regime de contrato de trabalho a termo certo, ao abrigo do D.L. 427/89, de 7 de Dezembro, aplicado à Administração Local pelo D.L. 409/91, de 17 de Outubro.

1. — O contrato terá a duração de seis meses, eventualmente renováveis.

2. — O vencimento será o correspondente ao índice 110 — 47.800\$00.

3. — Constitui requisito de admissão a posse da escolaridade obrigatória.

4. — A selecção dos candidatos será feita através de entrevista.

5. — As candidaturas deverão ser formalizadas através de requerimento, dirigido ao Presidente da Câmara Municipal de Esposende, acompanhado do documento comprovativo das habilitações literárias.

Câmara Municipal de Esposende, 22 de Junho de 1992

O Presidente da Câmara,
Alberto Queiroga Figueiredo

Página Desportiva

Dr. António Nogueira

Futebol

3 de Julho, data marcante para a A.D.E.?

Perdoem-nos leitores pela interrogação, mas ao escrevermos esta breve crónica temos que perguntar e não afirmar. Porém, tudo faremos para, em notícia de última hora podermos responder à questão levantada.

Com efeito, estamos cientes de que em 3 de Julho serão votados os corpos sociais para gerirem os destinos da A.D.E., para a época 92/93.

Se tal se verificar isso dever-se-à, particularmente, à coragem do Sr. Abílio do Monte que, na reunião da Assembleia Geral de 22 de Junho, se propôs, publicamente apresentar a sufrágio uma lista nominal para os corpos gerentes do mais representativo clube desportivo do concelho, na modalidade de futebol.

Apesar das muitas dificuldades encontradas, parece-nos que um dos objectivos do Sr. Abílio do Monte será conseguido, restarão, no entanto, outros do seu projecto de trabalho e que, na oportunidade publicaremos.

Importa referir que estamos a utilizar uma linguagem eivada de condicional de conjuntivo e de tempo futuro, pois estamos a escrever em data anterior a 3 de Julho, por imposição de tipografia. Se nos for possível tudo faremos para informar as últimas sobre a tal data de 3 de Julho.

Entretanto, na referida reunião de 22 de Junho, foi mandatada uma comissão de indivíduos afectos à Direcção da época 91/92 e potenciais elementos da Direcção da época 92/93, a fim de se assegurar a contratação de atletas, técnicos e outros assuntos de interesse para o clube.

Deste modo, poderemos desde já

adiantar o seguinte, no que diz respeito à constituição de plantel para a época que se avizinha.

Assim, renovaram já o seu contrato os atletas que se seguem.

Guarda-redes - Lourenço e Pinho. Defesas - David, Cenoura, Caxina, Augusto, Mozer e Paulinho.

Médios - José Augusto, Vasco, Meia-Noite, Antunes, Mané Morais, Chino, Zé Miguel e Tiago.

Avançados - Douglas, Petróleo e Picas.

Contratações - Lemos (Ex-Aguçadoura) Jô (Ex. Neves), Hugo (Ex. Varzim) e Fonseca (Ex. Maia).

Promoções - Foram promovidos a seniores os ex-juniors, Rush e Pedro.

Relativamente à equipa técnica, e quando tudo indicava que o Professor Fernando Duarte e o adjunto Neca renovariam o seu contrato para dar continuidade a um projecto de trabalho iniciado no Outono passado, eis que, por falta de consenso no que dizia respeito à constituição do plantel, as duas partes não chegaram a acordo e a dupla chefiada pelo professor F. Duarte não comandará os trabalhos da A.D.E. na época 92/93.

A.D.E. e Rádio de Esposende confraternizaram

Integrado no 2º aniversário da Rádio de Esposende, o estádio Pº Sá Pereira foi palco de um jogo de futebol no dia 27 do mês passado, entre elementos da Direcção da A.D.E. e membros da gerência, proprietária e funcionários da Rádio de Esposende.

Presenciaram esta confraternização dezenas de espectadores que não deram por mal empregar esse tempo já que tiveram oportunidade para ver um bom jogo de futebol.

No final o resultado foi favorável à A.D.E. por 4-2. Após o derradeiro apito, os intervenientes reuniram-se num lauto piquenique que durou até às tantas.

Aqui não se marcaram mas beberam-se bons e espectaculares golos.

Andebol

Campeonato Nacional da II Divisão

Seniores Femininas

Esposende Andebol já vê a I Divisão!

Começou da melhor maneira, para a equipa sénior feminina do Esposende Andebol, a fase final do campeonato nacional da II divisão. Cabendo-lhe de frente em casa, consecutivamente, as três equipas opositoras, as esposendenses entraram com mão direita e conseguiram nas duas primeiras jornadas outras tantas vitórias.

Quanto ao terceiro jogo, frente ao Sporting de Espinho e cujo resultado constará nesta página, não poderemos tecer qualquer comentário pois estamos a escrever em data anterior à sua realização. Entretanto, seja qual for o desfecho deste encontro, a equipa do Esposende Andebol está com todas as probabilidades de ascender à I divisão. Será com justificado orgulho que noticiaremos, no próximo número, este feito, caso os jogos da segunda volta, sejam favoráveis às esposendenses.

Últimos Resultados

Campeonato Nacional da II Divisão

Fase Final

Seniores Femininas

Esposende, 14 Seixal, 13
Esposende, 12 Porto Salvo, 12
Esposende, Espinho, 0

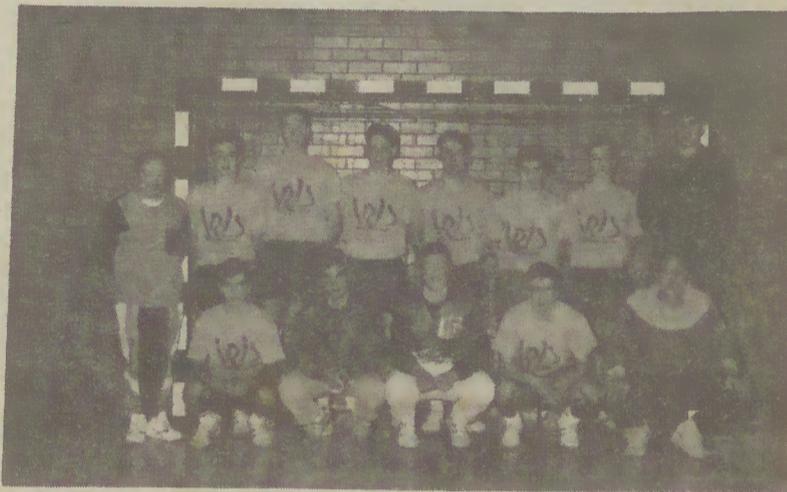
Desporto Escolar

Juvenis da Escola Secundária,

Campeões Nacionais, estão na «Europa»

Mais um feito notável para o desporto em Esposende foi o que os juvenis da Escola Secundária Henrique Medina,

embaixadores da Escola e de Esposende, neste campeonato europeu informaremos no próximo número.



Juvenis Masculinos do Esposende Andebol, equipa base dos Campeões Nacionais Escolares 1987/88 e 1991/92

praticamente os mesmos elementos que constituem a formação base do Esposende Andebol, conseguiram neste final de ano escolar. Com efeito estes briosos e bons alunos atletas, conquistaram, brilhantemente, o campeonato nacional de andebol, escalão juvenil, em desporto escolar e, conseqüentemente, foram os representantes de Portugal nos jogos europeus escolares, que se disputaram entre 2 e 8 do corrente, em Caen na França. Sobre os resultados dos valorosos

Pelo que de excelente já conquistaram, FAROL DE ESPOSENDE envia parabéns.

Como nota curiosa e digna de registo refira-se que, em desporto escolar, a Escola de Esposende, em 6 anos de história destes campeonatos esteve presente em 5 finais tendo conquistado 5 títulos nacionais, em andebol!!

Resultado da Final Nacional

Esposende, 19 Pupilos do Exército, 13

Associação Desportiva de Esposende

Já tem novos corpos Sociais

■ Às três tem vez

Em Assembleia Geral, realizada no passado dia 3 do corrente, no Salão Paroquial de Esposende, foram eleitos, por unanimidade e aclamação, os corpos Sociais que conduzirão os destinos da A.D.E. nas próximas épocas.

Tendo conduzido a sessão com muito brilho e alguma emoção, o Presidente da A.G. cessante, Eng. Adelino Marques, propôs um voto de pesar e um minuto de silêncio pelo passamento da sogra do Presidente da Direcção cessante, Eng. José Manuel Castro ocorrido nesse dia.

A todos tocou o simbolismo refletido no gesto da entrega da bandeira do Clube pelo Presidente da mesa ao novo Presidente da Direcção, assim como todos os sócios presentes notaram o ar comovido de Miguel Ferreira da Silva que não foi chamado a integrar o novo corpo directivo.

Formulando votos de sucesso na concessão do seu objectivo maior, que é o de manter a A.D.E. na 2ª divisão, apresentamos a lista dos novos corpos sociais da

Associação;

Associação Desportiva de Esposende Época 1992/1993

Corpos Sociais

Assembleia Geral

• Presidente — Dr. José Francisco Brás Marques

Vice-Presidente — Engº José Manuel Lima Miranda Andrade

Secretário — Mário Neiva Losa

Conselho Fiscal

• Presidente — António Alberto Guimarães Teixeira da Silva

Vice-Presidente — Augusto Vilarinho Rodrigues

Relator — Jorge Manuel Matos Serra

Direcção

• Presidente — Abílio Gomes do Monte

Vice-Presidente:

Actividades Administrativas — Dr. António Nogueira Afonso Pereira

Chefe Dep. Futebol Sénior — João Manuel Reis de Carvalho

• Consultor Jurídico — Dr. Francisco José B Marques

• Secretário Geral — António Miguel Eiras Gomes

1º Tesoureiro António Martins Pereira

2º Tesoureiro João Lima Nunes Novo

• Director de Campo — José Manuel Monteiro Gomes Pereira — João Luis Barreira

• Relações Públicas — Francisco António Pereira da Silva Miranda

• Departamento de obras — Engº António José Jesus Ferreira Gomes

José Augusto Clemente

• Instalação e Publicidade sonora — Valentim Azevedo Cameiro

• Departamento Júnior — António Martins Pereira — Joaquim da Silva Lachado

• Departamento Juvenil — António Miguel Eiras Gomes — José Maria Nunes Silva Pinto

• Vogal — Álvaro Barros Paquete — João Veríssimo da Silva Ferreira — Marino Azevedo Cameiro — António Reis de Azevedo — António José Martins Fernandes — Manuel Nunes da Silva Pinto.

Torneio Internacional de S. João Esposende/92

Nos dias 20 e 21 de Junho, no Pavilhão da Escola Secundária assistiu-se a uma grande maratona de jogos de andebol, no âmbito do torneio internacional de S. João, uma organização impecável do Esposende Andebol Clube Jovem.

Neste torneio ficou patente a força de andebol em Esposende, a ver pelos resultados e classificações.

Infantis Femininas

Esposende A, 19 Almada, 4

Esposende B, 3 Alagoa, 2

Classificação: 1º Esposende A

Iniciados Femininas

Esposende, 7 Bairro Janeiro, 2

Bairro Janeiro, 5 Vigo (Espanha), 6

Esposende, 15 Vigo (Espanha), 0

Classificação: 1º Esposende

Juvenis Femininas

Bairro Janeiro, 6 Vigo (Espanha) 17

Esposende, 24 Bairro Janeiro, 1

Esposende, 10 Vigo (Espanha), 8

Classificação: 1º Esposende

Iniciados Masculinos

Afifense, 15 Braga, 6

Esposende, 8 Braga, 7

Afifense, 14 Esposende, 14

Classificação: 2º Esposende

Juvenis Masculinos

Esposende, 27 Barcelos, 16

Esposende, 24 C.T.T. Viana do Castelo, 18

Classificação: 1º Esposende

Dois físicos e a supercondutividade

Alexandre Müller, professor de Física da Universidade de Zurique, mas também trabalhando como investigador-chefe de um laboratório da IBM, e o jovem investigador Georg Bednorz ocupavam todas as suas horas vagas para trabalharem afincadamente na exploração de uma via de pesquisa a que se devotavam desde há mais de 2 anos. Tinham acordado manter tanto quanto possível sigiloso o objecto dessa investigação e sobretudo a via que estavam seguindo, porque, no dizer de um deles, qualquer um ao conhecê-la, comentaria «Estes tipos são doidos»!... ou coisa semelhante...

Em princípios de 1986 o conhecimento do resultado da sua investigação originou um choque no seio da Comunidade Científica, porque aquele resultado significava um salto prodigioso em um domínio da Física extraordinariamente promissor de vastos desenvolvimentos tecnológicos, o qual todavia se vinha mantendo em estado de quase letargia havia muitos decénios – o da supercondutividade eléctrica.

Os dois referidos investigadores tinham seguido uma linha de pesquisa bizarra: – preparar materiais cerâmicos que, como se sabe, são exemplos clássicos de isoladores eléctricos, com a finalidade de obter supercondutores!

A ideia desta investigação surgia ao Prof. Müller durante uma conversa ocasional com um colega, que encontrara na Sicília (Itália) em Julho de 1983. Esse colega desenvolvera uma teoria sobre isoladores, que poderia levar a prever a possibilidade de estes, em determinadas condições, se tornarem condutores.

A supercondutividade era conhecida desde há 75 anos. A inovação de Müller e Bednorz consistiu em abandonar a via de pesquisa de metais e ligas metálicas supercondutoras – que durante mais de um decénio não permitira obter resultados

Os inovadores

Durval Serra

senão a temperaturas extremamente baixas, não tendo sido possível ultrapassar os 23 K – enveredando pela via das misturas de óxidos «cozidos» no forno eléctrico. (Como se sabe os materiais cerâmicos mais conhecidos são constituídos por óxidos, principalmente de silício e de alumínio, que reagem entre si durante a cozedura).

O material preparado pelos dois físicos era uma mistura de óxidos de cobre, de bário e de lantânio. Com esse material foi alcançada a «temperatura de transição» (Tc) de 35 K, progresso considerado importantíssimo, porque na esteira dessa descoberta os mesmos físicos e outros investigadores, em poucos meses mais, conseguiram elevar, por degraus sucessivos, em composições à base de óxidos de cobre ou de bismuto e de outros elementos as temperaturas Tc (temperaturas máximas, a que se mantém a supercondutividade) para 90 K.

Deve notar-se que esta temperatura de 90K (ou seja, cerca de -183° C) pode ser mantida facilmente com azoto líquido (ponto de ebulição: cerca de 78 K), produto industrial barato, principalmente quando comparado com a aplicação de hélio líquido, que era indispensável para manter a supercondutividade dos materiais anteriores à descoberta de Müller e Bednorz.

Em declarações à Imprensa acerca da sua descoberta os próprios autores disseram que ela resultou de uma «ideia um tanto louca», alguma sorte e muito, muito persistente trabalho.

Convém ter presente o seguinte a propósito desta inovação.

• Em primeiro lugar, que a troca de

opiniões e a discussão de assuntos entre profissionais frequentemente sugerem ideias, imediatamente ou em diferido, para a resolução de problemas ou o avanço dos trabalhos em curso. (Exemplo nesta história: a referida conversa do Prof. Müller com o seu colega na Sicília).

• Em segundo lugar, como «loucas», são designadas muitas vezes as ideias de se querer examinar e tentar concretizar o que se julga impossível – mas o «impossível» afinal leva apenas um pouco mais de tempo a realizar!; É evidente que requer espírito inovador, muita persistência e trabalho árduo.

• Finalmente, o que se classifica como sorte durante a realização de um trabalho é, quase sempre, o resultado do atento acompanhamento e registo de todas as fases dos ensaios realizados, mesmo quando estes parecem ser ensaios falhados. – Aconteceu aos físicos, cuja proeza vimos relatando, que, depois de confrontados com uma extensa série de ensaios infrutíferos – os materiais fabricados revelavam-se magníficos isoladores!... – verificaram que um ensaio da mesma composição era supercondutor! Razão: O forno de cozedura funcionara por uma razão fortuita, a temperatura inferior. Esta fora registada e todas as restantes condições desse ensaio haviam sido anotadas, o que permitiu a reprodução do mesmo resultado positivo.

Tendo em consideração o valor do trabalho realizado e o previsto interesse teórico e das aplicações tecnológicas do resultado, a Academia Real Sueca galardoou os físicos K. A. Müller e J. G. Bednorz com o Prémio Nobel de Física de 1987.

• A supercondutividade

Designa-se por supercondutividade a propriedade de um material que não oferece resistência à passagem da corrente eléctrica. Aí os electrões, cujo fluxo constitui a «corrente», deslocam-se sem quaisquer choques ou atrito, ao contrário do que acontece nos condutores normais, onde uma grande parte da energia é dissipada (sob a forma de calor) por numerosos electrões, que se deslocam desordenadamente, chocarem com partículas dos materiais, no seio destes e nas paredes dos condutores.

– A descoberta original da supercondutividade em 1911 deve-se ao holandês Kammerlingh - Onnes, também laureado do Prémio Nobel de Física, que foi o primeiro a verificar que certos metais a temperaturas extremamente baixas (inferiores a 10 K) deixam de oferecer resistência à corrente eléctrica.

• Escalas de temperatura

Para exemplificar as 2 principais escalas de temperatura, note-se que

a temperatura de fusão do gelo (à pressão atmosférica normal) é: 273,3 k (graus kelvin na escala termodinâmica), 0° C (graus Celsius) na escala ordinária.

Na escala termodinâmica não há valores negativos: a temperatura mínima absoluta é 0 K, equivalente a 273,3° C.

• O impacte Tecnológico da Inovação – algumas previstas aplicações

«Foi um pequeno passo para o homem, mas um passo gigantesco para a Humanidade...»

(Neil Armstrong, referindo-se ao seu primeiro passo ao pisar a Lua na expedição Apolo 70).

O impulso dado ao desenvolvimento dos materiais supercondutores pela descoberta de Bednorz e müller pode vir a ser reconhecido como o primeiro passo de uma nova revolução industrial.

Condição; fazer-se o que falta fazer, ou seja, preparar materiais que sejam supercondutores às temperaturas ordinárias e que possuam propriedades físico-mecânicas e estabilidade química, que permitam a fabricação de fios, cabos, bobinas e peças que tornem as aplicações economicamente viáveis.

Farol de Esposende

Lista de Apoio

Davie Fernando Ferreira Adães – Esposende	1.500\$00
Ascânio Alfredo F. Pereira da Silva – Viana do Castelo	1.500\$00
António dos Passos Pereira – Brasil	3.000\$00
Dr. Orlando Martins Capitão – Sintra.....	2.000\$00
Amândio Salgueiro Meira – Esposende	1.500\$00
Azevedo e Sá – França	1.500\$00
José Carlos Meira Rolo – Esposende.....	1.500\$00
Alberto Pires da Silva (Consul Portugal) Orense	2.000\$00

Faça do seu amigo, nosso amigo também!
Faça dele um assinante do jornal Farol de Esposende!

Para ser semanal, maior e melhor

«Farol de Esposende»

precisa de 2.500 assinantes.,

Anuncie ;

faça já a sua

assinatura por apenas

1.200\$00 anuais

Pretendo Assinar o «Farol de Esposende»

Nome

Rua Nº.....

Código Postal.....Localidade

País

Importância remetida – Em Cheque.....

Em dinheiro.....

Custo da Assinatura Anual: País e Estrangeiro1.200\$00

Assinatura de apoio a Partir de1.500\$00

Cole num postal e remeta a inscrição sua ou de amigo interessado na assinatura



farol de esposende



Porte Pago
Taxe Perçue
4740 Esposende

393
CASA DA CULTURA
R. CONDE ABROLONGO
4740 ESPOSENDE